

DARIO VELLOZO

CINERARIO

LIVRARIA MUNDIAL

França & Cia. Ltda.

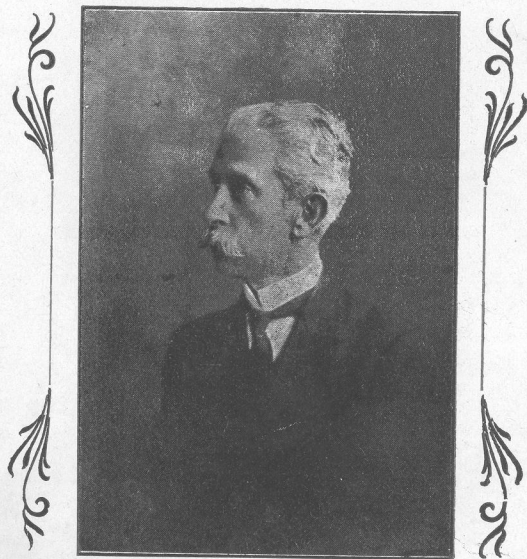
Rua 15 de Novembro, 260
CURITYBA - (Paraná-Brasil)

A DARIO VELLOZO

que, durante mais de trinta annos de magisterio, no cargo de lente cathedratico do Gymnasio Paranaense e da Escola Normal, sempre se impoz pela alta finalidade da sua missão de educador e orientador da mocidade, como ardoroso sementeiro de ideias, quer na cathedra, quer atravez da tribuna e da imprensa, os seus amigos, admiradores e ex-alunos, promovendo a publicação de uma colleção variada de suas obras, das quaes apresentam o 1º volume «CINERARIO», rendem justa, significativa e immorredoura HOMENAGEM, em nome do PARANÁ agradecido.

Coritiba, 26 de Novembro de 1929.

A COMMISSÃO CENTRAL: Martins Gomes (Secretario), Lacerda Pinto, Stoll Nogueira, Acir Guimarães, Leão Junior, Noemia Gutierrez (Thezoureira), Martha Silva Gomes, Olivina Caron de Lucena, Aurora Espinola, Zila Ticoulat, Dario Nogueira, Gaspar Vellozo, Juvencio Mendes e Bernardo Schulman.



Dario Vellozo

DARIO VELLOZO

Cinerario

CORITIBA

1929

**ESTE LIVRO É A HISTORIA DE
UMA ALMA.**

LUIZ MURAT

Mon âme a son secret, ma vie a son mystère.

ARVERS.

Ultima valsa

I

Alvorescer

O teo donaire, o teo sorriso,
A velludez do teo olhar,
A muzica subtil da voz macia
Empolgou-me,
Dominou-me,
Venceo-me!
Prendi-me em teos enlevos,
Em teos enlevos emocionaes;
Prendeo-me
A poesia
De teos anceios espirituaes...
Prenderam-me os relevos
De teo porte discreto;
Prendeo-me o paraizo
De teo sonho de sonho e de luar,
O sonho que sonhava
O teo olhar...
O teo olhar de nostalgia,
Olhar que me dizia
Teo almejo de amar;
De amar, e ser amada, e ser querida,
De ser amada alem da vida...

O affecto
Em teos olhos fluctuava...
— Olhos de verde-mar, na vaga peregrina
Que beijava, em surdina,
Teo porte esbelto de condessa slava.

Enlacei-te.
De Strauss a valsa acariciadora
Levou-nos, na ebriez de sonho alado...
Que morbidez a tua!
Que voluptua divina!
A languidez
De teu olhar
Dizia-me o condão da nevoa peregrina
Que velava os teos olhos verde-mar.

Fluctua
Em meu passado
O aroma de teu sonho... A luz redoura
Teu cabelo, teu porte, a maciez
De teu rosto...
Luz da recordação!...
Luz de sol-posto!...

Amei-te!
Amei-te, meu amor, — com que ternura! —
Nos enlevos de tua formosura.
Amei-te!
Vestias seda-azul, tinhas ao peito,
Bem sobre o coração,
Uma rosa,
Rosa branca, de origem casta e pura,
Flor matinal,
Branca e formosa,
Flor, cujo aroma inebriava...
Rosa sentimental que realçava
Teu porte esbelto de condessa slava.

Daquella valsa que dancei
Contigo,
Languida flor, de languido sentir,
Guardo comigo
A relembração,
A lembrança
Da pressão de teos dedos,
De tua mão em minha mão...

O porvir,
No dealbar da sympathia,
No encantamento
Do sentimento,
Sorria,
Sorria em teu sorrir...
E adivinhava
Os teos segredos,
Sentia
A eclosão de teu amor...

Guardei
No coração
O rhythm de teu seio, a tua voz, a cor
De teos cabellos aromaes;
Recordarei
De tua bocca a rosa,
Fresca e deliciosa,
Flor que falava;
E teu olhar
De verde-mar
Que me fitava,
— O teu olhar que não esqueço mais!
Valsa de enlevos, valsa evocativa,
Que inebriava...
Recordação
Que aviva
Teu porte esbelto de condessa slava.

II Anoitecer

Depois... a tua piedosa graça
Consentio que valsasse ainda contigo...
A sombra do jazigo
Projectava-se, então, no meo caminho...

Peregrino que passa
E que desaparece,
Sosinho!
Minha ultima vontade
De condemnado
Fora uma prece:
A prece de te ver,
A prece de te ver e de valsar contigo
A valsa da saudade:
Ultima valsa!
A Ultima Valsa!
Dançar contigo
E morrer!

Desolado,
Aguardava-te, immerso em desalento,
Alma que não repouza...
E tu vieste e, num momento,
Reatou-se o passado;
A lousa
De minha angustia se partio...
Em teu olhar eu me banhava...
E no meo coração se reflectio
Teo porte esbelto de condessa slava.

Toda de negro, ao peito rosa de ouro,
Rosa opulenta,
Na magia outonal de uma existencia
Que ia findar;
Rosa de bom agouro,
Rosa de effluvios de clemencia,
Talisman de conforto,
Attenuando o desconforto
Da face macilenta,
A agonia dos olhos verde-mar...

Mais nobre em a nobreza do holocausto,
O teu corpo de sylphede vestia
O sudario de um sonho!....
Davas-me a extrema-uncção de meo desejo,
A promessa de um beijo
Que em teos pallidos labios revoava,
Conforto derradeiro
Ao condemnado....

Eu buscava em teos olhos os resabios
De nosso idyllio,
A expressão de teos olhos, de teos labios...
O aroma do passado...
E a expressão de teos olhos me dizia,
Em prenuncios de exilio,
A tua angustia e o teu amor;
Mas, o teu labio me sorria,
Como um clarão na noite fria,
Como conforto á minha dor.

O fausto
De nosso anhelio,
Dealbar de além risonho,
Pairava ainda em teu cabelo,
Pairava
Como um resplendor...
Pairava...
E eu unia a meo peito,
Estreito, estreito,
Teo porte esbelto de condessa slava.

De Strauss a valsa nos levou
Em rhythmos leves e subtis....
Tua meiguice me empolgou,
Teo sorriso apagou
A lembrança da morte:
— Fui feliz!
Feliz de teo amor, de teo amor — mais forte:
Que a propria morte!

Do salão
Os crystaes reflectiam tua imagem....
E eo contigo voava,
Nos arroubos da valsa,
O olhar perdido nos teos olhos lindos,
Na miragem
Do amor....

Conheci a delicia de viver
Na vespera de morrer.
Tua bondade enalteceo-me as horas;
Tuas palavras embevecedoras
Em rosicler de auroras
Mudavam tintas envenenadoras....

A illusão
E' uma flor magica, uma flor que realça
O fulgor
Do desejo,
Echo perenne de um beijo
Nos espaços infindos....
De um beijo teo
No ceo.
A illusão fundio nossos destinos,
Senti a sua lava
Refulgir nos teos olhos peregrinos;
Senti que me abrazava
Teo porte esbelto de condessa slava.

III Plenilunio

Como os rosaes
De Ispahan,
Certa manhan
Refloresceram
Os roseiraes de nosso amor....
A tormenta passara;
Floriam corações
Em teo louvor.

Das noites estivaes,
Romanticas e bellas,
Volveram,
Em turbilhões feericos de estrellas,
Fiandeiras de nossos ideaes,
As nossas illusões;
Illuminou-se o teo semblante,
E do teo rosto as rosas espontaram
Ao sol levante.
Em teos labios passaram,
Em revoadas,
Leves sorrisos joviaes;
Em teo olhar cantava
A luz das alvoradas:
Cantava a luz que não esqueço mais....

Na viva essencia de um rosal em flor,
Cantava um trovador;
Cantava
Teo porte esbelto de condessa slava.

Teo porte esvelto, fino e leve,
Cingido
Em seda branca,
Tecido
De esperança
E de luar,
Mais realçava a bocca de creança,
A tua bocca encantadora,
Breve
Petala de rosa;
Mais realçava a cabelleira loura
E a expressão deliciosa
De teos serenos olhos verde-mar.

Cingida em seda branca,
E na alvura do seio uma rosa vermelha,
Noiva mystica e pura,
Suavissima vestal,
Era teo corpo uma corbelha,
Tua alma um lyrio num rosal!

A frescura
De teos labios macios
Attrahia
A abelha
De azas de ouro,
Que zumbia,
Em tua bocca o mel bebendo
Quando a Aurora despontava;
E a Aurora ia esbatendo
Da noite os duendes sombrios,
Enaltecendo
De atavios
Teo porte esbelto de condessa slava.

De Strauss a valsa nos dizia
O sentimento delicado,
A poesia
Do amor devocional,
Em poentes romanticos,
Na limpidez de sonho immaculado.

Em meos braços,
O teo corpo franzino
Mais parecia o corpo astral
De uma fada,
Divino
Accorde de suaves canticos
Na alvorada
De manhan nupcial.
Voavamos, no mysterio
Do amanha...
Voavamos na luz,
No azul sidereo...

— Noiva mystica, esposa, esposa-irman,
Rosa branca de amor na minha cruz,
Eo te levo comigo, alma querida,
Levo-te, alem da Terra,
A uma outra vida
Que se descerra
Na harmonia dos mundos...

De Strauss a valsa confidenciava
Em surdina;
E valsando,
E sonhando,
Nos turbilhões
Dos ceos profundos,
Os nossos corações
Fundiram-se na luz que os inflorava,
Na luz creadora
Que lhe envolvia a cabelleira loura
E o porte esbelto de condessa slava.

OFFERTORIO:

Quando eo deixar o mundo
E sepultar-me em fria cella,
Em completo e profundo
Isolamento,
Na solidão de minha vida,
Não terei uma lagrima, um lamento.

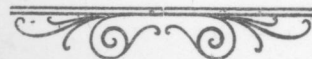
Na ermida
Nem uma flor dos campos,
Sequer
A luzerna fugaz dos pyrilampos,
Vaga lembrança de mulher!
Nada
Que suavize, que recorde,
Que conforto!...

Nada!

A procella
Que me acorde
Em seo rugir insano,
Na arrancada
Sem tregoa e sem piedade,
Com soturnos mugidos de oceano,
Nem na aza da morte,
Ao vencido da vida
Arrojará a petala perdida.
De uma saudade!

Entretanto.... (Ouve bem,
Formosa Inspiradora!)
Se tu fosses meo par,
Se eo dançasse contigo a valsa enlevadora,
Que fez de Strauss
O evocador do «ULTIMO ADEOS»,
Da sublime expressão da esperança evolada;
Se a delicia de amar
Fosse encontrar nos braços teos,
Nos enlevos da *Ultima Valsa*,
Que realça
Em sua evocativa
A alma captiva
E desolada;
Se eo te soubesse minha, um momento que fosse,
Minha!... De mais ninguém!....
Como seria doce
A minha solidão,
Longe dos seres maos!...
Como seria doce
A recordação
Da *Ultima Valsa* — de Strauss!

Templo das Muzas, 13 de Janeiro de 1929.



Prometheo

I.

Arrebatador do Fogo: o TITAN.

Homem, que vales tu, em lodo, em vasa immerso ?
Erros, superstições, levam-te á fraude, ao crime;
Servo de Zeos, cerviz dobrada, a aza sublime
No po, alma na dor, urze ma do Universo.

Em treva o coração, em treva a mente, o verso
De liberdade e amor canta, e não te redime;
Submisso de pavor, cobarde, a voz exprime
O tartufo, o villão, o hypocrita, o perverso.

Emtanto, ha na tua alma azas de stradivarios,
Na tua mente a luz dos mundos infinitos,
Em teo peito de fogo um broquel de estellarios.

Toma esta luz, — é sol, — sol de titans proscriptos;
Atea a chamma, esbate os terrores malditos,
Rue cerce o espectro mao dos sombrios calvarios !

II.

Prometheo encadeado: o HEROE.

Zeos braveja. Do Olympto os famulos mesquinhos
Acorrem, dorso curvo, attonitos de pasmo....
— Cravae-o á rocha, Zeos ! Não tolera o sarcasmo
De um titan o Senhor de todos os caminhos.

Ao Caucaso o rebelde ! E marche sobre espinhos
Quem pensa despertar os homens ao marasmo....
Bons ferros, Hephaisto ! E tu, o entusiasmo
Tira-lhe, ó Força, e abate o architecto dos ninhos.

Percorre todo o Olympto um fremito... Sequazes
De Zeos, os deozes de ouro os instinctos vorazes
Açanham de cruel, inconsciente abutre....

Athenea medita... Io o Caucaso alcança :
— Amo-te, Prometheo ! Se Zeos de odio se nutre,
Os Homens e os Titans se nutrem de esperança.

III

Prometheo libertado : o DEOS.

De Pallas-Athenê o templo se illumina,
Na Acropole refulge a egide invencível;
Themis fala... Aclarou-se a Razão... Impossível
Banir da consciencia a verdade divina.

Archote ás mãos, Titans aos homens a doutrina
Mostram. E os corações: — De Zeos feroz a incrível
Crueldade nos vem. Homens, de pe!... Vizível,
Eil-o — o Libertador — no Caucaso! Termina

Hoje o teo supplicio, ó Prometheo!... E a Idea,
Azas de luz vibrando, ao Caucaso arrebatada
O Genio. E a luz fulgura, e doura, e canta. Ea

Resurge; de Psykê fremente a lyra ideal...
— Eo te perdoo, Zeos!... diz o Titan, — não mata
Quem das mãos de Athenê bebe o amor immortal.

Retiro Saudoso, 2 de Agosto de 1923.



Dous esquifes

Lyrios brancos no olhar sereno, morto,
Rosas murchas nos labios desbotados,
Eil-a, — astro extinto, — de ideaes passados
Volvendo á noite, ao sideral conforto.

Como fakir mysticamente absorto,
Scismo; a saudade os bronzes desolados
Tange, acordando os echos magoados
De peregrino, inolvidavel horto.

Pobre esperanza, dulcida e querida,
Levas no olhar uma illusão perdida,
O vago espectro desse amor desfeito.

Dormes! O esquife as tuas formas cinge.
E o ceo reflecte em seo olhar de esphynges
Esse outro esquife que tu tens no peito.

Coritiba, 21-7-1896.



Soledade

Neste saudoso e lamure retiro,
Onde me segue tua sombra amada,
Recordo lyrios de illusão fanada
E as Chaldeas do Alem, de ouro e porphyro.

Sinto-te meiga, merencorea e terna,
Colhendo goivos e hostiaes de malva,
Tu, minha Muza e minha Estrella da Alva;
Tu, minha Estrella e minha Luz superna.

Os cedros tanger lyricas de outono,
Ancenubios nostalgicos do Somno
Vão sobre mim as azas distendendo....

Somno da morte, o teo sudario espalma!
... E a aza da Noite, merencorea e calma,
Vem merencorea sobre mim descendo.

Coritiba, 25-Ag-1927.



Palingenesia

Occaso! Opalas e amaranto,
Jalne e opala;
Curva azul de horizontes,
Montes...

Alem, o Sol trescala
Amphoras de oleo-santo,
Lyrio e nenuphar...

Uncção da Noite, prece.

Voguemos!
O Occaso é mar
De violetas e cysanthemos....

Cefeiro a messe
De meo amor vae ceifar!

O Sol mergulha.
E a Noite crepes negros estende,
Crepes da alma,
Luto da alma,
Crepes sobre o mar!

Esperança! Esquife de hulha!
Impiedade,
Crueldade,
Esperança, — *Flor dos Lyrios*, — vão te incinerar!

Carregam traves...
Fumega a pyra!

Lyra,
Entra a cantar!

O' Torre do Ideal, fechada a sete chaves,
Torres de amethysta e de luar!
Abri-vos!
Quero subir, subir mui alto,
Sobre a Terra, no Azul, alem! — no Astral...
(Lazaros! sonhos meos! espectros redivivos!)
As tuas sete chaves, Torre do Ideal!

No asphalto
Esporas tinnem, de cavalleiro....
(Quem abrirá?)
Esporas de ouro de cavalleiro!
Cavalleiro ou coveiro?
Alquem... do *Au delà*,....

Velas, ao Oriente....
O Oriente é mar.

Ave, Istar!

Morro de frio em minha ermida branca,
Alva de luar....
Urzes crescem na ermida,
Urzes da vida,
Urzes da ermida branca....
Que mão de piedade arranca
Urzes de bruma de meo tedio, Istar?

Mendigo
Cego e morto de fome....
Da-me a luz de teo nome,
O sol de teo olhar!

— Amigo!

— Istar!

Alto e longe!
Minhas vestes de monge
São de chumbo, Istar;
Prendem-me á terra,
Soldam-me á Terra,
Vestes de humus: corpo, algar!

— Benze-me! Asperge-me com um ramo de alecrim!
Mirifica, eleva-me!
Etherifica, eleva-me!
Sete chaves! Torre de Marfim!

Arcano da Harmonia,
Harpa ceciliana,
Soberana!
Horto de Anael!
Tens a meiguice de Maria,
Rachel!

Tens a meiguice de olhar de monja,
Istar.
Meo olhar é uma esponja
Que bebe a luz de teo olhar.

Vaes tão alto e tão longe!
Cego! Que serei eo?
Monge
Que nos reps da noite se envolveo.

Athanor,
Terra,
Em teo calix de humus e de amor
Encerra
Meo corpo, ó Mãe misericordiosa!
E meo astral
No seio de uma rosa
Irá brilhar....

Lyrio esculptural,
Istar,
No calix de esperança de teu olhar.

Vaes alto, longe e distante. . . .
Para o Levante ?
Para o Poente ?

Onde quer que tua alma se auzente,
Minha ermida levanto,
A' luz de occasos de amaranto,
Saudosamente,
Discretamente,
Nos sete palmos de um campo - santo.

Coritiba, 17 Nov. 1901.



Drama ignoto

. . . . O castello repouza junto ao lago,
Como um cadaver junto de uma cova ;
Mortos descantam magoada trova,
Carme subtil, mysterioso e vago. . . .

Noite profunda. A merencorea lua
Penetra pela gelosia aberta ;
Passam tristes visões que Amor desperta:
A alma de um monge nos salões fluctua.

Avulta apoz horrissono phantasma,
Chegam mais outros; tremulas cabeças
Surgem da bruma das tapeçarias. . . .

E a extranha turba, espavorida, pasma,
Ao ver tombarem pallidas condessas
Sob o punhal de nobres senhorias.

Coritiba, Out., 1892.

Sob a estola da morte

A Gonzaga Duque

Hora crepuscular dos outonos de opala...
E' funebre a floresta, a minha alma dolente.
E não sei que saudade a alma no exílio sente,
Quando a tarde succumbe e a floresta se cala.

O Silencio me invade, a soledade exhala
Um perfume de sonho, uma ebriez demente,
A incenso e rosmaninho... E sobe do poente
O perfil de illusões da loura de Magdala.

Maria, a tua sombra a meos olhos caminha...
Nostalgica da Luz, a minha alma adivinha
A promessa ideal que jamais nos fizemos.

Entro a ampla região dos profundos espaços...
O' Lyrio de Esmeralda, abraça-me em teos braços,
Na hora crepuscular dos arcanos supremos!

Retiro Saudoso, 6 Fev. 1905,

Confidencia

Non, je n' était pas né pour ce bonheur suprême !
A. de Musset.

Venho trazer-te, pallida senhora,
Na piscina do pranto,
Toda a tristeza desconsoladora,
Todo o passado encanto
De suprema esperança enganadora.

Venho trazer-te a derradeira prece
De meo viver purissimo de outrora,
Auri-nitente messe,
Toda orvalhada do pallor da aurora,
Como pomo estival que amadurece
Junto a cypreste que prantea e chora.

Venho trazer-te o coração, captivo
No crystallino ergastulo da magoa,
Amoroso phantasma redivivo
Tremeluzindo numa gotta de agoa:
Venho trazer-te madidos desejos
Que me cruciam dolorosamente,
Revelar-te o segredo omnisciente
Que anda suspenso á trova de meos beijos.

Tu me disseste um dia : — Alma de neve :
Meo coração é triste eremiterio,
Onde amor não nasceo, diffuso ou breve :
Não lhe conheço o perfido mysterio.*

Mas, em teos olhos, quando assim falavas,
O poema das lagrimas eo lia;
Havia nesse olhar que em mim fitavas,
Todo um rosario de melancholia.

Anjo, eo conheço a extranha morbidezza
Que te recorda uma illusão perdida,
Dor que se esparge pela natureza
Como no inverno asperrimo da vida.

Tens na tua alma excelso alampadario
Que te illumina teo passado inteiro,
E traz-te á mente o immaculo hostiario
Das illusões de teo amor primeiro.

E traz-te á mente o delicado aroma
De merencoreas, dulcidas venturas,
Phrases, quiçá, do incognito idioma
Dos cemiterios e das sepulturas.

Não m'o redigas, martyr de innocencia,
Que a alma possues tão fria como a neve.
Astro que enflora minha adolescencia,
Para bem longe tua dor proscreve!

Não m'o redigas, flor, que uma Siberia
Na alma possues cruciadoramente;
Tua alma é branca ermida alma e siderea,
Sou de tua alma fervoroso crente.

Alma de neve, não! Alma de estrella,
Alma feita de luz serena e pura,
Para que meo amor podesse vel-a
Branca e serena rebrilhar na altura.

Pois que meos olhos, vendo-a, so te viam;
E mais te viam quanto mais te olhavam.
E meos amores todos te diziam
Nessa extranha lingoagem que falavam.

Eo sonhara formoso paraizo
De gosos ideaes e verdes primaveras,
Illuminado pelo teo sorriso
E pelo doce olhar das fulgidas espheras;

Oscular os anneis de teo cabelo
E o teo collo que enerva e que me encanta,
E depor a teos pés a flor de meo desvelo,
Como um lyrio entreaberto ás plantas de uma santa.

Mentio-me essa esperanza lisongeira,
Que eo não soube te amar quando podia;
So me resta uma prece, — a prece derradeira, —
Prolongado estertor de suprema agonia...

E essa prece, tão meiga e tão sentida,
Não ta direi jamais, terna creança!
E' como o roscier de uma illusão perdida
Scintillando no olhar de saudosa esperanza.

Eis, senhora, o segredo omnisciente
Que á trova de meos beijos suspendia,
Baixel de amor que, langorosamente,
Na penumbra da angustia se perdia;
Eis a expressão da magoa que me opprime,
Dessa tristeza que me punge tanto,
E da-me aos olhos copioso pranto,
E esse pezar que o beijo não redime.

Resta, agora, esquecer o que me ouviste,
Resta esquecer a confidencia triste
Desta illusão fanada
Que me acabrunha e que me dilacera.

Cante em tua alma a alegre primavera
De festiva e dulcissima alvorada!...

Cante em tua alma a alegre cavatina
Dos lyrios e das rosas;
Cante em tua alma a cithara divina
Das estrellas formosas,
Alma de uma alma errante e peregrina!

Eo viverei fitando o teo cabelo
E o teo collo que enerva e que me encanta,
E depondo a teos pés a flor de meo desvelo,
Como um lyrio entreaberto ás plantas de uma santa.

Campo santo

A Alba Guimarães

Foi numa curva da Estrada
Que a Muza me appareceo:
Suppuz, rompesse alvorada,
Embora noite fechada. . .

Olhos da Muza: fulgores!
Regina cœli: palores!
Ceo.

— Sou o lyrio da esperança
Que tua illusão colheo. . .

— Lyrio da esperança,
Arca de alliança!

E sentou-se a meo lado, e se ficou comigo,
O coração sobre meo peito.
Fez-se coveira, pobresinha!

Fez-se coveira: guarda meo jazigo. . .
Tem, para comigo, pompas de rainha.

— Nobre senhora minha,
Por quem é! Seja humilde o meo ultimo leito.

Bem humilde, Senhora! (Ha tanto infortunado
A succumbir, de fome!)
Poupae o ouro do brocado
Em que bordaes as letras de meo nome!

(Vosso ouro, poupado,
A muito infortunado
Pode matar a fome.)

Piedade, Senhora! Do brocado
Apagae o meo nome.

Sou humillimo, Senhora;
Seja minha mortalha uma pouca de argila. . .

E, na *Ultima-hora*,
Quando se volve á PAZ, e a Alma, tranquilla,
Adormece;
Basta-me a extrema-uncção de vossa bocca:
Uma prece!

E minha alma, Senhora,
Pobre e louca,
Ao sentir a extrema-uncção de vossa bocca,
Subirá para o AZUL na quadriga da Aurora.

E, quando, - alem - no *Val da Morte*, o tribunal de Osiris,
Reunido, julgar quem fui, que fiz. . .

Que direi eo?

(Alma, possas tu subsistires!)

— *Quem es?*

— Humus, Senhor!

— *Tua alma?*

— Feneceo.

Andei, Senhor, lavrando a terra nua,
A' chuva, ao sol, á neve, ao frio. . .

Abria a terra o sulco da charrua. . .

E minha alma, — sol de estio, --
De rosea e juvenil foi se fazendo antiga,
E se ficou, Senhor, como a ultima espiga,
Abandonada, no campo, á luz fria da Lua. . .

Sou o sulco da charrua
Que a agoa do monte humideceo.

Era uma noite de lua,
Quando minha alma arrefeceu. . .

Não mais lavro, Senhor, a terra nua. . .
A charrua partio-se; o coração morreo.

Semper

No album de Lisette Villar de Lucena

Nunca e jamais! Por mais que me attingisse
O teu silencio, o teu esquecimento,
Tua luz não soprei do pensamento,
Nem da amizade as brumas eu maldisse.

Fiquei-me, na saudade de Eurydice,
Inconsolado Orpheo, sem um lamento;
Sem consentir que o tempo, um só momento,
De sombra e gelo o teu perfil vestisse.

E sempre o mesmo culto, e sempre a branca
Feição perfeita da amizade antiga,
E oleo beijo que á saudade estanca.

Prompto sempre a teu gesto e a teu chamado,
Prompto a seguir-te, carinhosa amiga,
Atando os elos de feliz passado.

Retiro Saudoso, 21 de Maio de 1918.

Ara extincta

— «Sim! — me disseste, — a mystica alliança
Guardal-a-hei comigo noite e dia;
Sou para sempre tua... Aza erradia,
Terei no meu exilio essa esperança».

Annos vivi, de tua negra trança
O anel beijando, em minha noite fria.
Regressas. Voo a ti... Eu mal sabia
Que de ausencia e de tempo Amor se cança.

Nada me debes, sei! Que bem que fazes
Partindo as cordas á inspirada lyra
Com que interdicto o coração me trazes!

Tudo te devo, emtanto!... Extincta a pyra,
Devo-te o hymeto das macias phrases,
Devo-te o culto que a Belleza inspira.

Retiro Saudoso, 1918.

Muza do silencio

I

No silencio da tarde que se esfolha,
Vaga e macia nos occasos de ouro,
Fito, scismando, o teo semblante, o louro
Tom do cabello que o pezar desfolha.

Segues, por entre os tumulos, sombria,
Na saudade pungente. Erma e discreta,
A Mansão do Silencio a alma inquieta
Cinge-te, á luz nostalgica do dia.

Es do Silencio a Muza merencorea,
Leio-te na alma angustiosa historia,
Triste fadario que teo veo recata;

Leio-te na alma a solidão immensa,
So mitigada por suave crença,
Prece que o olhar em lagrimas desata.

II

Ves ? Eo bem sei que a tua dor é nobre
E nobre o culto que te inspira a campa;
Sobes da magoa a merencorea rampa,
Ouves da tarde o evocativo dobre.

Das sepulturas o silencio cobre
A paz macia que o arvoredo estampa;
O occaso acolhe a radiosa lampa,
E denso crepe teo semblante encobre.

Ouço-te o passo, peregrino soa.
A dor que sentes em minha alma echoa,
Aza de crepe que o silencio cruza;

Aza tão so, mas tão formosa, adeja,
E o niveo marmor do sepulchro beija...
Sombra de Samos, merencorea Muza !

Templo das Muzas, 14 de Maio de 1921.



Canção do peregrino

A Esther Paciornik

I

O Peregrino ouviu a canção de esperança
Que seos lábios em flor diziam com doçura,
Canção em flor de uma alma pura...
Creança!

O Peregrino ouviu a canção de meiguice
Que seos olhos de ceo reflectiam sorrindo,
Cortejo de illusões que vão florindo...
Blandice.

O Peregrino ouviu a canção de bondade
Que suas mãos, em prece, aos astros elevavam;
Flores do coração que desfolhavam...
Saudade!

II

O Peregrino ouviu... Seos olhos de tristeza
Mergulharam na luz do sol poente...
Tarde serena; azul o ceo. A Natureza
Um cantico de luz... E docemente

Falou o Peregrino: — «Irman querida,
De alma de lyrio e coração de arminho,
Vestal que encontro em meo caminho,
Ja na curva final de minha vida;

«Eo compreendo a muzica eleusina
De tua voz, de tuas mãos, de teo olhar;
Freme em teo coração harpa divina,
Harpa de Druideza, em pleno mar!

III

«Nada tenho de meo.... De pouso em pouso,
Arrasto meo bordão de Peregrino....
Sigo: Judeo errante, é meo destino,
Sem conforto, sem sombra, sem repouso!

«Tu me dás de beber: agoa de Affecto
Que desaltera a sede ao solitario,
Agoa de Amor para meo mal secreto,
Na triste solidão de meo calvario!

«Eo compreendo o gesto, o lenitivo
De tuas lindas mãos... Em minha idea
Recordarei o teo perfil de Hebreia,
Libano em flor no occaso evocativo.»

IV

Calou-se o Peregrino. A luz amortecia...
Da tarde o rosicler desbotava, esmorzando....
Traços de azas passando...
Agonia.

Repontavam no ceo as estrellas douradas...
Outra vida, outros soes... Calou-se o Peregrino!...
Mysterio de seo destino...
Alvoradas!

Alvoradas do Amor: no Amor a eternidade...
A promessa do Alem, a ancora da Vida...
Taça do sonho em pleno mar erguida!...
AMIZADE.

Alma de neve

Alma, porque não vibras ?
Porque mais não te rugem estos de nevrose ?
Debalde estila o ceo deliciosa dose
De supernas venturas.
Lassas se afrouxam tuas mortas fibras,
Cordas dos arrabis das sepulturas.

Eloah beija-me ainda;
Toca-me o coração a ponta de sua aza....
Porem, o seio seo porque ja não me abraza ?
Porque me sinto morto ?
Vejo-a sublime, apaixonada e linda....
Onde te azylas, intimo conforto ?

A solidão somente !...
Somente o espectro azul de uma esperança morta.
O ceo ja não me escuta, amor não me conforta....
Para que serve a vida ?
Para que serves, plectro meo plangente,
Soluçando ao luar a fé perdida ?

Conclua-se o romance !
Role o corpo do vate as escarpas da tumba !
E a feral maldição que regouga e retumba
Sobre minha cabeça,
Leve-me á paz do derradeiro transe....
E que a tua afeição, Muza, pereça !

Reminiscencias

Como se eo fora trovador medievo,
— Alma cantante de paixão doentia, —
Entra-me o peito o dulçuroso enlevo
Das barcarolas da melancholia;

Rora-me a face pranto amargurado
De sepulturas, do primeiro affecto :
E pensamento candido e discreto
Leva-me aos hortos de ideal passado.

E' que es a imagem nitida e sonora
De minha infancia amena e encantadora,
Doce luar de mortas esperanças ;

E' que ainda sinto o aroma bemfazejo
Dos myosotis do primeiro beijo
Que desfolhei nas tuas lours tranças.

Sob mao signo

O atroz supplicio de Savonarola
Ruge-me na alma e o coração me innunda;
E uma saudade barbara e profunda
Sobre meos versos afflictiva rola.

Da loucura tantalica do Hamleto
Enche-me as noites a visão sombria;
Pelos meos sonhos a Melancholia
Triste passeia o livido esqueleto.

A minha alma soluça, ajoelhada
Junto aos degraos de negro eremiterio,
Ruina antiga em trevas mergulhada.

Entre um sepulchro e um coração suspenso,
Não diz a tumba o funebre mysterio,
Nem sei do coração o amor intenso.

28 Abril 1893.

Rosas da aldeia

A Fanny Paciorek

Rosaes em flor na aldeia triste,
Distante a infancia. . .
A tua casa não existe:
Levou-a a guerra; não existe!
Mas, dos rosaes da aldeia triste
A fragrancia
Inda perfuma o teo passado,
O sonho alado
De tua infancia.

A neve cae na aldeia triste,
Murcham rosaes. . .
A rosa ao frio não resiste:
Tomba e se esfolha; não resiste!
Mas, uma rosa subsiste
Dos rosaes:
Teo coração, rosa vermelha,
Na corbelha
De rosas ideaes.

Guardas no seio a aldeia triste,
Risonha outrora. . .
A tua aldeia não existe:
Levou-a a guerra; não existe!
Mas, sua imagem subsiste
Na alma que chora.
Visão em flor, que te acarinha,
Da aldeiasinha,
Risonha outrora.

Teo coração, da aldeia triste
Guarda a imagem,
Do roseiral que não existe,
O aroma guarda; não existe,
Mas revive a aldeia triste
Na imagem
De teos olhos verde-mar,
Das noites de luar
Na miragem.

Floresce em ti da aldeia triste
O roseiral...
Em ti floresce, em ti persiste,
No sentimento que resiste,
No recordar a aldeia triste,
Berço natal;
Trazes em ti o lar amigo,
Trazes comtigo
O roseiral.

OFFERTORIO :

Para regar as tuas rosas
Todo meo sangue eo te daria,
Se no teo rosto as tuas rosas
Desabrochassem de alegria.

Templo das Muzas, 3 Jan. 1929.

Æternum vale!

Era monge. E vieste á paz de meo tugurio,
Olhos de septestrello em poentes de malva;
Troquei, á tua voz, o athanor de Mercurio
Pelos edens em flor de Dona Estrella da Alva.

— «Segue-me!»... E lança, e escudo, ao rosicler, num hausto,
Parti, para a Chimera e para o Sonho... O' seios
De Aphrodite! O' fulgor das justas e torneios!
A gloria de vencer, a mocidade, o fausto!

Murcheceram laureis. O teo amor, um dia,
Como tudo que vive, acabou... Elmo e lança
Deixo-te aos pés. Adeos! Volto. A melancholia

Merencorea saudade em meo caminho espalha.
E, cerrando per sempre os olhos á esperança,
Traço, não o burel, mas a fria mortalha.

Coritiba, 19 de Setembro de 1905.

Horas tristes

So, no silencio da vivenda, scismas...
Hora do occaso, evocativa e triste...
Longe o teo horto!... A noite desce... Os prismas
Da saudade se fundem... Certo, existe,

Em torno, a sombra que avelluda os cerros,
A villa, os campos, a paizagem fria.
E a tua alma recorda outros destellos,
E mais se embruma de melancholia.

Eil-o, o *Morro da Cruz*: fica defronte.
A paizagem te evoca outra paizagem...
E o teo olhar se perde no horizonte,
Vago, fluido, subtil... Segue a miragem

De tua infancia, maviosa e linda,
De tua infancia, — tão distante ja! —
Como te enleva essa lembrança ainda,
Nos virentes vergeis do Paraná!

O Iguassu aviva-te a saudade
Do rio, em cujas agoas reflectiste
O perfil de creança... E a soledade
Torna a hora do occaso inda mais triste!

Martyr do coração, martyr do affecto,
Sobes da angustia o monte, as rijas fragoas,
Ao dorso a cruz do lar, no ermo discreto
Fiando as horas de discretas magoas.

Tão so! Mãe que se anima ao garrulejo
Dos filhos, por quem vive e por quem morre!
Quem comprehende nesse logarejo
A alma de luz que aos miseros soccorre?

Quem ouve a voz do coração que estala
Na hora soturna do poente em sombras?
Toda se envolve num brial de opala,
Toda emmudece num cariz de alfombras.

Onde o esplendor da cabelleira de ouro
Que a vestia de clamyde pomposa?
Regina caeli — deslumbra o mouro,
No aureo fulgor da estirpe gloriosa.

Era, emtanto, a mais simplice a modesta
Das castellans do Sonho e da Bondade;
A fronte sempre pensativa e mesta,
Em sua radiosa magestade.

Fitou-a um trovador e deslumbrou-se...
(Se era tão linda em seo fulgir divino!)
E a guzla antiga em trovas derramou-se
Nas mãos febris do ignoto peregrino.

Condoida, cedendo ao canto e á prece,
A beldade baixou do alto castello,
E envolveo o cantor na loura messe,
No opulento esplendor de seo cabello.

E fez-se a radiosa enamorada
Do pobre menestrel; dourou-lhe os dias;
Nos olhos meigos um condão de fada,
Inspiração de suas phantasias.

Foi a Muza do bardo da tristeza,
Que encontrara, exilado, em seo caminho;
Muza cheia de graça e gentileza,
De cilios de velludo e mãos de arminho.

Muza de loura trança... *Trança loura!*
No magismo aromal da primavera;
Venus-Urania que fulgura e doura,
A's mãos eburneas a armillar esphera.

Aza de argento a refulgir na treva,
Myrto do Pindo a reflorir na cruz;
Muza do Olympo que redime e eleva,
Harpa de Samos transformada em luz!

O bardo que envolveste em teu cabelo,
Será teu pagem para sempre, ó Dona!
Terás nos olhos como um septestrello,
Na bocca um violino de Cremona.

Hoje que a ausencia te acabrunha e fere,
O bardo a guzla em teu louvor modula;
Invoca os Numes, o destino aufere,
E tuas mãos de mãe aquece e oscula.

Eras formosa em tua adolescencia,
Na frescura das formas virginaes;
Hoje, perdida a madida opulencia,
Hoje, te adora e te venera mais.

Inda es mais bella; todo o sacrificio
Que fazes por sorrir a teos filhinhos,
Torna mais grandioso o teu supplicio,
Beijo de amor no roscicler dos ninhos.

Inda es mais bella; pois, se outrora havias
Dons de Pandora, limpido phanal,
Hoje refulges, — como pedrarias,
No Olympo de ouro, — de fulgor moral!

O outrora foste a piedosa alfombra
Que acolhera do bardo a alma tristonha;
Hoje, na angustia do poente em sombra,
Tua alma triste, merencorea sonha...

Muza do Ceo, o bardo, ajoelhado,
Beija-te as plantas, invocando os Deozes,
E te ve, no esplendor de teu passado,
Mãos de esperanza desfolhando adeozes!

Sempre formosa, sempre! A trança loura
Fez-se mais loura no luar de prata;
E, como outrora, a guzla se redoura,
Em teu louvor em trovas se desata.

Horas tristes, bem sei! Quando a saudade
Nevoa de outono, nos poentes erra...
Quando nossa alma, — da felicidade
A sombra evoca, a se evolar da Terra.

Horas tristes, que os olhos tristes olham,
Horas aladas que não voltam mais;
Horas tristes, das tardes que se esfolham
Na penumbra das tintas sidereaes!

Horas tristes! — accordes de um piano
Que de harmonias enche a soledade,
Nostalgias da vaga e do oceano...
Horas tristes: — do Sonho e da Saudade!

.

A tua alma recorda outros desterros,
E mais se embruma de melancholia...
— Olha, porém, como avelluda os cerros
A luz serena de formoso dia.

Templo das Muzas, 27 Julho 1920.

Samaritana

Vens da fonte. Ao poente a sombra, a nostalgia,
A saudade do sol na paizagem morrente...
Arrimada ao bordão, lasso o corpo, pendente
A amphora, e do olhar velada a luz macia.

Murmur de agoa... Murmur de coração... A fria
Brisa da tarde não gelar a lymphia ardente
De teo corpo, amphora a verter docemente
A agoa lustral do amor, luz nova que alumia

A senda de Psykê!.... Que te disse o Rabbino?
Leo-te no meigo olhar esse extranho destino
De ser indifferente e arrebatado de amor?

Volves do humus da terra á idealidade pura.
E a tua alma se esvae, fonte que não murmura,
Lyrio triste a immergir numa fonte de dor!

Retiro Saudoso, 8 Dez. 1924.

Abysmos

Poetas, verme que eo seja, eo sinto essa nevrose
Que vos enche de horror e vos enche de espanto...
E, não sei porque lei, porque metempsychose,
Somos irmãos na dor, somos irmãos no pranto.

Ja tive as esperanças
Dos anhelos de amor, das crenças fugitivas;
Mas, saudosas lembranças
Reflectem-me no verso as magoas afflictivas.

A existencia
Não me dá, como outrora, as taças da illusão;
Sorriso de innocencia
Não pode florescer em morto coração.

Suspendi ao luar a cithara do affecto...
O infortunio levou-me a continuo holocausto.
Porque ha de o coração soffrer do mal secreto
Que ligou á sciencia os destinos de Fausto?

Porque vivemos nós? Porque se gera a vida
E a estrella se escraviza á lei das attrações?
Porque não sente a rocha a dor suicida
Que abate frageis corações?

Porque o mar não se amolda aos destinos do homem?
Porque o homem não tem as coleras do mar?
Porque os annos de dor e as illusões consomem
Na infancia da existencia a meiguice do olhar?

Onde irão se abysmar as gerações humanas ?
Como a vida surgio dos vortices do Cahos ?
Porque a morte rejeita as caravanas
Dos maos ?

O sentimento é o algoz dos atomos que pensam,
Bardos, o pensamento é o germen da illusão.
Não ha treva que o cegue e pezares que o vençam,
Sem que a morte anniquile o coração.

A Intelligencia morre ?
O sepulchro será o epilogo da dor ?
Os sepulchros tambem a Materia percorre,
E a Materia é o embryão da existencia e do amor.

Porque a alma será uma vaga utopia ?
A sciencia não chega onde não desce a luz...
Poetas, verme que eo seja, eo comprehendendo a agonia
Que soffreis arrastando a vossa cruz !

Eo quizera que o Nada
A paz dêsse, e a illusão do supremo conforto,
Para que o coração não tivesse alvorada,
Sombra de coração na sombra morto.

E' sombria existencia a existencia do monge....
Vive so, — muito so ! — entre o sepulchro e a dor.
Se elle fita a amplidão... o ceo fica tão longe !...
Bardos, e elle não tem as azas do condor !

Se elle fita a amplidão, todo um longo passado
Vem tanger-lhe o arrabil da saudade pungente...
E ouve na luz do ceo o phantasma adorado
Por quem veste o burel, melancholicamente.

De mulher nivea sombra scismadora
Entra-lhe o coração, silenciosa...
Tristeza, quem te fez tão desconsoladora ?
Solidão, quem te fez tão piedosa ?

Sou esse monge, sou esse desventurado
Que ja não pode crer...
Bardos, o meo futuro é meo longo passado,
Por onde vou baixando ás mansões do não-ser.

Eis porque sinto essa nevrose ardente
Que vos enche de espanto,
Crepusculo de amor, melancholicamente
A dissolver-se em pranto.

Coritiba, 11 Fev. 1894.



Angustia suprema

Eu bem sei que este amor, que é de tua innocencia
A flor mais graciosa, acabará, Leonora;
Apenas o luar de uma reminiscencia,
Como saudoso olhar de uma alma sonhadora,
Ha de fitar-se em mim, ha de em mim reflectir-se
Quando a desillusão apontar-te o calvario
Onde se vão fanar, onde vão bipartir-se
As perolas de Ophir do precioso rosario,
Feito por nossas mãos, deliciosamente,
Quando fomos um dia ás mesquitas do Sonho
Levar de nosso affecto a supplica innocente
E o ouro, e o incenso, e a myrra, e os versos que componho.
És creança e formosa; ha de offuscar-te o brilho
De uma estrella maior, que irradie ventura;
Nem sequer acharás o sinuoso trilho
Que ao sitio levará de minha sepultura.
Será somente minha a cruz do sacrificio,
Que para mim somente a esperanza não luz....
E eu soffrerei sorrindo esse ultimo supplicio,
Pois que será por ti que expirarei na cruz.
O triumpho, o prazer dourar-te-hão a fronte;
Não sangrará teos pés a ponta de um espinho....
E sorrirás, Leonor, contemplando o horizonte,
Doce como o luar, terno como o carinho.
E sorrirás, Leonor, porque a ventura é louca:
Embriaga como o vinho e queima como a chamma...
E os osculos de amor que te dei sobre a bocca,

Negarás, como Pedro o milagroso drama
Das curas de Jesus e as predicas famosas
Negou; e não dirás ao venturoso amante
Que desfolhei contigo as purpurinas rosas
Da primeira paixão; mas, que vivi distante,
Submisso e deslaçado aos elos de teos braços,
E que me vergastava a tua indifferença;
Que não houve entre nós nem ephemerous laços
E teo desprezo foi sempre a minha sentença.
Tudo dirás, Leonor, tu que tens do Cordeiro
O dulçuroso olhar, clemente e compassivo;
E negarás assim o teo passado inteiro,
O teo nobre passado, azul e primitivo.
Eu tudo saberei, pois uma alma adivinha
O que outra alma diz, o que outra alma sente;
E partirei, Leonor, como parte a andorinha,
Saudosa do solar e da estação ridente.
Partirei, repetindo os meos primeiros versos,
Frementes de esperanza e de consolações....
Destinos, como sois sinistros e perversos!
Quão differentes sois, humanos corações!
A ventura, porem, não perdura, querida;
Então, comprehenderás como é fatuo o hymineo...
Constatarás, então, que em toda tua vida
Ninguém mais te adorou e te chorou do que eu.
Constatarás que a vida é uma esperanza morta
Sem a prece da rima e a canção do poeta....
E o inverno e a velhice hão de bater-te á porta,
Como bate a tristeza ao coração do asceta.
E chorarás, então, prantos phosphorescentes,

Como os prantos do mar, que as estrellas escutam;
E sentirás no sangue o philtro das serpentes
E as larvas que, entre si, tua carne disputam.
E, sobre o teo amor caminhando de rastros,
Fitarás a Amplidão, povoada de estrellas,
Aonde os poetas vão, á luz nivea dos astros,
Sentil-as e falar; nem poderás colhel-as
Em tuas mãos, Leonor, que eo outrora beijava,
Quando havia entre nós affectiva alliança,
E sobre as quaes, Leonor, o aroma derramava
De toda uma illusão que era nossa esperança.
Debalde estenderás os braços, sem alento,
E fitarás no ceo o teo olhar sem luz!...
So eo, Leonor, so eo ouvirei teo lamento
E rogarei por ti, — morrendo sobre a cruz.

Coritiba, 26 Março 1894.

Succubio

A aza crepuscular de uma esperança extincta
Minha harpa de ouro tange, evocativa e casta;
E Ella, — não outra, — Ella, a Virgem loura, arrasta
O veo niveo que o poente a jalne e amethystas pinta.

Envolve-me o cariz de seo olhar magnetico,
Cinge-me o busto, as mãos em suas mãos aperta,
Beija-me a bocca e sobe á minha alma deserta,
Innundando-me o corpo o aura do corpo esthetico.

Ruge a paixão; de novo a luxuria flammeja;
E o olhar, — olhar de morta, — acende-se e dardeja,
Como um sol de rubim nos zaimphes da Aurora.

Mas, a Noite recolhe as Vestaes luciolantes....
E Ella sobe da terra aos espaços distantes,
Succubio, essencia em flor, — carne que se evapora.

Retiro Saudoso, 6 Fev. 1905.

Solitude

A Stella Nogueira

Eo era só. Na minha ermida
Sombra de vivo não chegava ;
Soturna e queda, minha vida
Entre saudades se finava :
Na solidão
Do coração !

À noite, a lua, em nevoa densa,
Alumiava a solitude ;
E que saudade immensa, immensa !...
E que tristeza, rude, rude !...
Na soledade
Quanta saudade !

De manhansinha, no oriente
Brilhava a estrella do pastor :
Brilhava a estrella docemente,
Mas, não brilhava o meo amor :
Amor querido,
Amor perdido !

E perguntava aos passarinhos :
— «Onde Ella foi, que não voltou ?
Porque deixou os nossos ninhos ?
Porque partio, porque voou ?»
Os nossos ninhos,
Tão pobresinhos !

Se Ella voltasse, que alegria,
Que inebriante gorgear !...
A sua voz toda harmonia,
E que macio o seo olhar !...
Se Ella voltasse !...
Se Ella ficasse !...

Mas, Ella passa como a sombra,
Como o luar na noite clara,
Como o luar sobre uma alfombra,
Como a esperança que não para !
Como a esperança
Que não cança.

Ella voltou. Na minha ermida
A luz do sol resplandeceu ;
Iluminou-se a minha vida,
Minha tristeza adormeceu.
Sua alegria
Como irradia !

A solidão tornou-se horto,
A minha vida uma canção ;
O seo olhar, todo conforto,
Aquece e aclara o coração ;
Na sua luz eo sonho absorto...
Como te quero, ó solidão !

OFFERTORIO :

Senhora minha e meo affecto,
Dona, a quem dei o coração,
Sem ti, me abate um mal secreto,
Contigo é encanto a solidão ;
Gardenia azul de meo affecto,
Es tu a minha solidão.

Alpha e Omega

A Ilusão é Serpente encantada.
A Serpente é o symbolo do Universo...
Cauda e cabeça: Alpha e Omega, —
O Circulo eterno cinge a VIDA.

I

O athanor alchimico do sol extinguiu-se; purpuras fluidicas alagam o Occaso; ao Oriente começa de singrar o Azul a BART de ISIS, duplo, na evocativa de suggestivos transcendentalismos. Ilian scisma, ao luar, o mysterio das Metamorphoses, no mysticismo outonal dos ultimos idyllios. Succubio voluptuoso densifica-se-lhe aos olhos, vestindo esmaragdino corpo ethereo, com scintillos de topazios.

Ilian, fitando o olhar no olhar do Succubio:

Succubio da Ilusão, ou real ou apparencia,
Os olhos a sorrir a piedade e o amor,
Quando so, torvelino os vortices da ausencia,
-- O faces de luar! ó lyrios de Elsenor!

Olhos de ambar, fulgor de dous espelhos magicos,
Lagos a reflectir dous esquifes de onix,
Lagos de ambar, sendal de meos destinos tragicos,
Galeões, a singrar para Ophir e Tharsix!

O Succubio, voluptuoso e sarcastico:

Ophir de sonho, mar de saphyra,
Estrellas: vastos archipelagos...
Os olhos negros de Dejanira
São dous pelagos.

Rumo do Azul, para a Chimera!
..... Infinito roteiro.....
Teo coração é cratera,
Coveiro!

Ilian:

Teos olhos de illusão teem seivas e attrativos...
Ha serpes de velludo em teos olhos soturnos!
Nereide, a tua voz: kalamos primitivos,
Venusios... trauteando em teos lagos nocturnos.

Velas o olhar de sombra, e uma noite de arminhos
Promettes, nesse olhar de volupias bizarras...
Deliras: teo olhar são sombrios caminhos
Com brilhos de punhaes e curvas cimitarras.

O Succubio:

Contam lendas do Passado,
Tão antigas quanto o mundo,
Vivem serpentes ao fundo
De todo lago encantado.

Ha palavras de bruxedo
Para vencer as serpentes...
— Lago de margens dormentes,
Qual será o meo segredo?

Ilian:

Os arcanos da Vida, em teos olhos de succubo,
Traçam curvas de Soes, abrem negros sudarios...
Satan crava-te ao seio a serpente de um incubo,
Volupia: carne em flor, crotalo e estradivarios.

Gynandra, a Forma e a Essencia, alchimizas o Beijo,
O beijo em fogo: sol; o beijo neve: cirio!
Labios da Sulami abres a meo desejo,
Valles de Josaphat, Succubio, o meo martyrio!

II

O Succubio assenta-se no rebordo do minarete, alto sobre o bosque, ao luar. Olhos de volupia, fascina-o estillando philtros.

O Succubio :

O Riso e a Dor são dous lagos,
Onde vão se afundar Byzancios e Babeis....
Estrellas de esmeralda á flor dos lagos :
Astrologismos fulvos e crueis.

Velas de velludo preto
Flafam, agonizantes....
Ipsillos de ambar, amuleto,
No collo de luxuria das Bacchantes.

O lago negro, — treva e dor, —
Singram triremes de argentum :
Azas de Morpheo, azas do Amor,
Para Agrigentum.

Mergulha nos meos olhos, nos meos lagos,
Encantados palacios de ouro fino....

Ilian, sonambulico :

— Ó lyrios de esmeralda á flor dos lagos,
Serpentes de luar, palacios de ouro fino !
Palacios de saphyr, esmeralda e lazuli,
Palacio e templo, aroma e luz, gardenia e sol,
Fontes de Siloé, taça do rei de Thule !...

O Succubio interrompendo, em aparte :

— O teo amor é fatuo,
Monstro, sem coração !
Teo amor é fogo-fatuo
Correndo atraz de uma illusão.

Ilian, inebriado :

— Lyrio.... torre.... falerno.... rouxinol !
Espectro.... urna de carne.... o Desejo e a Loucura.
Embriagas e apunhalas.
Tenho-te asco, Serpe ! Quero uma fonte pura,
Lagos, a reflectir opalas.

O Succubio, dissipando-lhe a embriaguez :

Mergulha nos meos olhos, nos meos lagos,
Encantados palacios de ouro fino....

Ilian, enamorado :

Teos olhos são dous lyrios, são dous lagos,
Com frotas de topazio e de turquino.
Subo a teos olhos, entro os teos lagos dormentes....
Sonho.... (O Sonho é o zenith de uma esperança van.)
Ó Lagos de esmeralda, encantadas serpentes,
Illusões de esmeralda, ó lagos de Ilian !

O Succubio :

Meos olhos são uma infinita escada....
Rondam Sylphos e Gnomos....
Podesses tu colher os pomos
Da serpente encantada !

Ilian :

Anjo foras, Gardenia, um thalamo de lyrios....
Bruxa, esquifes no olhar, dous sudarios, Megera !
Antro de feiticeira, ardendo quatro cirios,
E, Ella, morta, — a Serpente : a Illusão, a Chimera.

Lagos de ambar, luz morta, — na encruzilhada
Mais um cirio e uma cruz, — cadaver e punhal.
Tentadora ! Serás essa infinita escada,
Fonte de Siloé, Thule espiritual ?

.

Volve o mystico Ilian, sob o velario de ether,
Na evocativa astral de uma saudade van...
Qual dos *aspectos* ? Anjo ou bruxa ? *Netzah... Kether !*
Nunca mais !...

A HORA passou....
-- Boa noite, Ilian !

Coritiba, 7-9 Dez. 1901.

Na tenda de Israel

A BERNARDO SCHULMAN

Na tenda de Israel hospedei-me. O caminho
Da tenda o meo amor dissera-me. Um ninho
A tenda de Israel : ninho do coração,
Ninho de paz, bondade, e meiguice, e illusão.
Levava, dentro em mim, a aridez do deserto ;
Foi-me a tenda de Cheive um santuario aberto.
Seren o ceo, a tarde, e dourado o cariz,
Como um beijo de sol, como um verso de Hafiz.
Abrio-me a tenda azul, grato e discreto abrigo,
Como se eo fora irmão, como se fora amigo.
Não perguntou quem era o forasteiro : abrio.
Ao hospede saudou, ao misero sorrio.
Que macio agasalho, e innocência, e pureza !
Era-lhe a alma em flor sua immensa riqueza.
Mel e pão, fructa e affecto ao peregrino.... É Deos
Quem o leva.... É de amor a moral dos Judeos.

Era Cheive formosa, adoravel creança,
Nos olhos verde-mar um clarim de esperança ;
Cantava-lhe no olhar a primavera, o sol,
Cantavam-lhe na bocca as rosas do arrebol.
Sandalo e benjoim, toda aromas, fremia,
Espargindo em minha alma o conforto, a alegria....
O triste forasteiro as magoas olvidou,
E na tenda de Cheive alentou-se e sonhou.
Ella no seio tinha um jardim de desvelos
Rubros, louros, azues... Louros os seos cabellos !

— Cheive, porque deixei tua tenda e parti ?!....
Que destino cruel me separou de ti ?!....
Forasteiro do amor, sob a fatalidade
Caminho.... Ó tenda azul, da-me a «serenidade»,
A paz, o olhar de Cheive, a meiguice, o calor
De seo beijo, o rosal de seo unico amor !

Exhausto, o Peregrino á tenda azul volvia ;
No ceo ia morrendo a vaga luz do dia...
O silencio pairava em tudo, em tudo a paz,
A sombra que amortalha, o «nunca», o «nunca mais»!

— Cheive, Cheive, onde está a tenda azul, a tua
Tenda, tenda de amor, que a meos olhos fluctua,
Do deserto da vida a surgir na extensão,
Como um ninho suspenso em minha solidão?!
Cheive, Cheive querida, os meos olhos morrentes
Buscam, na solitude, os teos olhos auzentes!
Eo quero me finar beijando a tua mão,
Num osculo de paz todo meo coração.
Cheive! Cheive!...

Ella ouvio a prece do vencido,
E chorou. Seo amor não o tinha esquecido.
Não olvidara nunca o Peregrino; um mar
De saudades sentia, e a ausencia a soluçar !...

.

A noite o amortalhou.... Fora a sombra da morte
Mais suave que o amor, menos cruel que a sorte.

Templo das Muzas, 26 Março, 1929.

A minha Mãe

No ceo azul, mysterioso, a prece
De coração que ao peito me batia,
Vaga de estrella a estrella! Ah! se eo soubesse
Donde tua alma eleita me alumia !...

Ah! se eo soubesse a excelsa litania
Dos corações fieis !... Ah! se eo podesse,
Como austero romeiro da Agonia,
Morrer, para que a morte me dicesse

Onde paira a tua alma !... Certo, as veias
Rasgara ousada e audaciosamente,
Pois tu somente meo amor premeias.

Feliz, então, seguira a restea incerta
Que os Astros abrem na amplidão silente,
Onde vaga minha alma, erma e deserta.

Coritiba, 14 Ag. 1896.

Arrabil selvagem

Vem debruçar-te, nívda açucena,
Do antigo minarete de meo verso,
E interpreta o missal de minha pena,
E examina o reverso
Dessa medalha que nas mãos erguias,
Como se uma hostia fosse,
Quando ás aras do amor, rindo, subias,
O terno olhar sereno e doce.

Minha felicidade crepuscula,
Perde-se-lhe na sombra a minha crença;
O meo amor, apunhalado, oscula
O austero espectro dessa magoa immensa.

A' minha solidão, penosa e dura,
Não desce o plenilunio da esperança;
Ha sempre a bocca de uma sepultura
Soluçando a romança
Que de teos labios se desenrolava
Affectuosamente,
E no meo alaude suspirava,
Sempre subtil, sempre dolente !

Se percorreres esta esconsa estancia,
Não acharás a assenona dos beijos;
Não acharás a dulcida fragrancia
De nossos amantissimos desejos.

So tu povoavas minha soledade,
So tu pouzavas junto a minha estrophe....
— Quem ha que, traspassado de saudade,
Sorria e philosophe ?
Quem ha que fira alegres cavatinas,
— Por mais nobre e gentil, —
Tendo apenas estridulas buzinas
E aspero e barbaro arrabil ?

Volta, porein, ao branco eremiterio
Das liturgicas preces amorosas,
E habitarás soberbo phalansterio,
Recamado de beijos e de rosas.

Coritiba, Ag. 1894.

Phenix

A Isaura Sydney

Mysteriosa !

Cirios de estrelas. . .

Sylphides tangem lyras de rosa,

Sombras de arminho que são estrelas,

Passam, chorea deliciosa.

Num balbucio, prece de Estrellas. . .

So te não vejo, Mysteriosa !

FLORA, de olhos esmaragdinos,

Floresce Lyrios e Sensitivas;

Floresce risos de pequeninos,

Edades de ouro, tão primitivas !

Lyrios e Rosas que são destinos.

ILLUSÃO ! ó Primavera !

Jovens, entretecei coroas de noivado !

O coração é como uma chimera

Que desperta a cantar e morre envenenado.

Juvenília, primavera !

Amae !

Fugie nas azas da Chimera !

Sonhae !

Felizes os que teem sonhado !

Senhor,

A Primavera é riso,

Paraizo :

Amor.

So tu não volves, Mysteriosa !

Cirios de estrelas. . .

Lyras de rosa. . .

Sonhos de arminho que são estrelas,

Passam, chorea deliciosa.

Num balbucio, prece de Estrellas. . .

So tu não volves, Mysteriosa !

ESTIO, flammula escarlata,

Broquel solar. . .

O Beijo. . . Gladios e combate,

Luz e vida : IEVE, — Mar. . .

Argonautas ! Titans ! Musculos de aço. . .

Mas, eu prefiro o espaço

De uma noite polar. . .

Nem volverás, Mysteriosa !

Acendo em vão, cirios de estrelas,

Em vão dedilho lyras de rosas. . .

Rosas de arminho que são estrelas. . .

Passae, chorea deliciosa !

Olhos de monja, duas estrelas. . .

So tu não volves, Mysteriosa !

OUTONO, estheta da nuance,

Que nostalgia em tua voz ! . .

Doce volupia do ultimo transe,

Nuance. . .

Prece de rouxinoes.

Tu sim, Arista, me consolas,

Em teos crepusculos velados. . .

Finalidades que são esmolos,

Bemaventura de degredados. . .

Tu, sim, Estheta. O meo destino

Aflora em tuas agonias,

Estrella Vesper do peregrino,

Espagyrista das nostalgias.

*Tu sim, OUTONO! Na celagem
De tuas tardes merencoreas
Passam romeiros da saudade;
Passa romagem
De vestaes...
Virgens mortas, Noivas mortas!... Soledade.*

*So tu não volves!
Saudade!
Mysteriosa, — nunca mais!*

*Não volves, não, Mysteriosa!
Passaste... E nunca mais! — Niveas estrellas
Semeam sonhos cor de rosa...
Rosas de arminho em mãos de Estrellas...
Florie, loucura deliciosa!*

*Tens o destino das Estrellas...
Não volverás, Mysteriosa!*

*INVERNO desce dos espaços!
O Morte, ó Sombra, noite polar!
Vanmente, Sol, douras os membros lassos;
Sou como um cirio a se apagar...*

*Infancia, ó primavera em flor!
Estio: vitalidade e luz.*

Inverno, afasta essa cruz!

Caem folhas.... Outono....

*Cae terra.... terra sobre o caixão....
Meo derradeiro somno...*

*OUTONO!
Morte do coração!
Dor....*

Inverno em flor....

*Não volverás, Mysteriosa?
Reacende, Psykê, os cirios das estrellas!
Fremem lyras de rosa,
Almas de arminho que são Estrellas.
Alem, vestal deliciosa!*

*Aza de Luz, Psykê, volve ás estrellas,
Loura e nivea Psykê: Mysteriosa!*

OBLATA:

*Os sinos dobram no eremiterio,
Os monges cavam mais uma leira.
Psykê, meo corpo extingue-se poeira;
Phenix, vaes renascer no Either sidereo.*

*A urna de argila parte-se... Floresce
Outra alma, outro corpo, outra chimera.
Novo cyclo da Vida. A Primavera
Inebria; a Esperança uma outra messe*

*Colhe; nova Illusão perfuma e cresce.
— Ave! psalmeia o monge. O eremiterio
Nas poentes de opalas adormece.*

*Os sinos calam no paiz funereo...
A Paz semea sideral mysterio,
A Terra é toda uma infinita prece.*

Duas coroas

Onde foste esconder o thezouro invizível
De tua alma subtil, Muza de meo outono;
Doce luz que velava o meo sereno somno
De esperança e de amor, lampada inextinguível?

Onde foste esconder o coração sensível,
Em que choça, em que lar, em que templo, em que throno,
Aza que me deixou, doce Muza de outono,
Minha grata Psykê, minha Sombra intangível?

Não irei perturbar o silencio, as ditosas
Horas de sonho, a paz dos garrulantes ninhos,
O encanto desse azul, dessas plagas saudosas;

Dous emblemas, porem, esqueceste entre arminhos
Quero enviar-te, ó Muza, a coroa de rosas,
E guardar tão somente a coroa de espinhos.

Retiro Saudoso, 13 Ag. 1916.

Olhos fatidicos

No album de Neuza de Lima.

Porque teos olhos de silencio e bruma,
Olhos que foram lampadario amigo,
Veem despertar-me ao piedoso abrigo,
A' fria noite que soidão reçuma?

Porque te agitas na indecisa espuma,
No mar de nevoas que se abrio comigo,
Aza de linho de baixel antigo,
Olhos exhaustos, de silencio e bruma?

Porque mudaste o rumo ás azas brancas?
Porque volves no fluido dos poemas
E de meos punhos os grilhões arrancas?

Que saudade de ti!... Saudade: espuma!...
Saudade: mar de nevoa... mar de algemas!...
Ah! os teos olhos de silencio e bruma!

Retiro Saudoso, 27 Abril 1918.

Pena dupla

A Florentina Vitell

Sempre o doce luar de uma alegria morta
Esbate na penumbra um cadaver querido;
Nem sempre o coração magnanimo supporta
A grilheta do affecto e do amor fermentido.

Nem sempre a magnolia abre o seio odorante,
O poeta nem sempre enaltece o perdão...
Ha muita hediondez nos beijos da bacchante,
O verme tambem volve os olhos á amplidão.

So quem desceo um dia ao horto da saudade,
O requiem a murmurar da suprema tristeza,
Pode comprehender toda a infelicidade
Com que o luar do amor envolve a natureza.

So quem subio do nada ao berço immaculado,
No ergastulo subtil da caricia materna,
Sopezando nas mãos um plectro affeçoado
Por santa creatura, immacula, superna;

So esse pode ouvir a confissão piedosa
Do monge escurraçado e zurzido de insultos,
Pois comprehende a angustia, a dor silenciosa
Que leva á solidão e cria extranhos cultos.

So esse comprehende a confissão secreta
Que o poeta confia ás estrellas dos ceos,
Pois é bardo tambem, e uma alma de poeta
Para outra alma não tem nem chufas, nem labeos.

No horto das affeições, a mais sincera e nobre
Nasce do amor das mães e do amplexo do amigo;
Vae do solar dos reis á choupana do pobre,
Vae do templo á caserna e do berço ao jazigo.

Os filhos serão sempre o mais bello diadema
Que possa coroar a velhice dos paes;
A consorte estremosa é celeste poema,
Dedilhado ao luar das noites conjugaes.

Quando a infamia dos maos nos babuja e envillece,
Sobre o peito do irmão pouzamos a cabeça.
Ha sempre corações abertos para a prece,
Ha sempre quem de nós se apiede e compadeça.

Mas, quem lucte por nós, quem por nós soffra a morte,
Poucos, bem poucos são; que os amigos somente
Acham no sacrificio estimulo mais forte
E partilham connosco a dor, por mais pungente.

De tua pena dupla e de teo desalento
Farás, á luz, soberbo e insigne relicario,
Onde se va saber todo teo soffrimento
E os caprichos crueis de destino tão vario.

Se volveres um dia á lura esconsa e triste
Dessa recordação pungentissima, pobre
Poeta, lembra o amor de um coração que existe,
Que pulsou junto ao teo, e era moço e era nobre.

Fronte erguida, poeta, alma impolluta e austera,
Abra o ceo sobre ti um resplendor de luz!
Cante nos corações festiva primavera,
Seja sceptro de amor a tua grande cruz!

Extranho philtro

Branca de neve! As tuas mãos osculo...
Volves! O amor sobe-te á bocca, e breve,
Abre o sorriso o purpuro casulo
Do sonho alado. Flor de espuma, leve

Sobe-te aos olhos; brilha. De Cythera
Chegam baixeis e corações; destinos
Cantam; canta no mar a primavera
De teos olhos, Venuzia, esmaragdinós.

Monge que sou, deixo o burel funereo;
Sob o fluido aromal de seos carinhos
Cerro as portas do negro eremiterio.

Sortilegio! Qual seja o philtro, a essencia?
Vestio-me de tristeza a sua ausencia,
O seo regresso veste-me de arminhos.

Corlúba, 14 Junho 1904.

Lampada inextinguivel

Onde quer que tu vas, peregrina beldade,
Quero que te acompanhe a profunda certeza
De que não acharás em toda a natureza
Quem te consagre assim o culto da AMIZADE;

E saberás que amor vence a fatalidade,
Quando amor ideal, quando em toda pureza.
Pode a mulher ceder; não cede homem, nobreza
Não cede nem á dor, nem cede á iniquidade.

Mas, que digo?! Cruel que sou quando te offendo!
Pobre archanjo do ceo que aos poucos vae perdendo
A graça do sorrir na chamma em que se abraza!...

Triste irman que me estreita, em effigie, ao seio flebil,
Como é forte a tua alma em teu corpo tão debil,
Como é puro esse amor, como é branca a tua aza!

Retiro Saudoso, 13 Agosto 1916.

Plenilunio negro

O oceano é eremita infortunado
Preso, pela atracção, em cella estreita ;
Foi, talvez, menestrel, mystico e enamorado,
Amou, talvez, o ceo que elle fita e respeita.
Bate-o constantemente a vergasta dos ventos,
Fere-o constantemente o acicate das dores...
E elle geme, Eleonor, pracebos e lamentos,
Calcado pela magoa e pelos dissabores.
Quando sobe ao zenith o plenilunio de ouro,
O oceano conversa a pallida condessa...
E as algas e os coraes e as perolas, em coro,
Cantam, á flor do mar, levantando a cabeça.

As algas, Eleonor, são das filhas das agoas
As que mais teem amado, as que mais teem soffrido ;
Comprehendem o amor e traduzem as magoas
Que os poetas e o mar teem ao ceo repetido.
Resumem dentro em si toda a amarga tristeza
Que tem sudarizado o coração humano ;
E todo esse pezar que punge a natureza
E se vae reflectir no crystal do oceano.

O oceano, porem, tem soberbos cortejos ;
Tem o ceo que o escuta, e o luar que o entende..
Feliz quem não supporta ephialta de motejos
E tem alguem no ceo que o escuta e comprehende !
Feliz, muito feliz, quem não segue sosinho
O tramite da angustia e da desolação...
E encontra quem o arrime á beira do caminho,
Entre arminhos de affecto o exausto coração !

Eo sou mais desgraçado e infeliz que o oceano,
Eo que não tenho o sol e as velas que elle tem,
Soffro o acerbo pungir do coração humano
Sem poder confiar minha magoa a ninguem.
E como queres tu, que tanto me conheces,
Que eo resista a essa dor mais forte do que uma alma ?

E como queres tu, que escutas minhas preces,
Que eo de um morto apparente a inconsciente calma ?
E como queres tu, meo derradeiro encanto,
Que eo encontre uma estrella em todo o firmamento,
E que a pezada cruz que sosinho levanto,
Me não faça soffrer todo um longo tormento ?
Quando fito a amplidão, a amplidão é deserta !...
Se interrogo o luar, o luar não tem fala...
... E todo este anhelar que o coração me aperta,
Sobre meo coração, como um verme, se cala.
Tu bem sabes, Leonor, como a esperança mente...
Tu bem sabes porque minha vida enveneno...
A esperança é, talvez, a funebre corrente
Que agrilhoa o poeta ao psalterio do threno.
A esperança é, talvez, a derradeira estrella
Que se extingue no azul da suprema saudade.
Quando é morta a illusão, ninguem pode contel-a :
Ninguem pode retel-a, apaixonadamente,
Quando surge no azul, sinistramente,
O plenilunio da fatalidade.

De profundis

Poetas, quanto me doe partir a minha lyra,
O templo abandonar da festiva illusão,
Nos corações do verso, onde a rima suspira,
Um cypreste plantando em cada coração!

Poetas, quanto me doe, quanto me custa, poetas,
Apunhalar o Sonho ás plantas do burguez!
E, não mais vos ouvindo, ó sublimes prophetas,
O Verso abandonar pela primeira vez!

Que archanjo me offerece o calix do supplicio?
Ter nas mãos uma lyra... e morrer degredado!
Os meos louros trocar por fibras de cilicio,
Bebendo, gotta a gotta, um philtro envenenado.

Morto, a que anima a vida, a rolar entre os vivos!
O prestito assistir das rimas e dos versos,
E vel-os desfilar, taciturnos, captivos,
Seguindo do degredo os tramites diversos.

Filhos de meo amor, — que meo amor não beija!
Que eo não possa morrer, unindo-vos ao peito!
E, constricto, vos olhe, e constricto, vos veja
Do esquite da saudade, em lagrimas desfeito.

E tu, — fragil mulher, — bella imagem do goso,
Por quem vivi sorrindo e vivi versejando,
Abre o teo coração, — cofre voluptuoso, —
Onde os beijos que eo dei acordavam cantando!

Abre o teo coração, onde as Muzas do affecto
Iam o nectar beber da paixão que conforta;
Onde tinha o Ciume um sacrario secreto,
Com um gnomo, — o Desejo, — ajoelhado á porta,

Abre o teo coração, para que eo veja ainda
O meo nome e o teo nome, enguirlandadamente,
Os labios coroando, e a fronte e a face linda
De teo immenso amor, de teo amor ardente!

Coritiba, 4 Out. 1895,



Da larva á Estrella

Não sei que ternas emoções nos deixa
O niveo beijo do luar de prata,
Cynthia apaixonada o bardo: e a serenata
Descanta á lua amenidosa endeixa.

Sei, porém, que o luar que se retrata
Em tua loura e fulgida madeixa,
Traduz de amor a merencorea queixa
Que descanta ao luar a serenata.

Sei que os astros, querida, não perdoam
O amor da larva pela branca estrella,
Irman dos astros que a amplidão povoam.

Mas... não respeita amor sidereo encanto...
Ama-te a larva; e, se não podes vel-a,
Trucida a larva que te adora tanto.

Coritiba, 3 Fev. 1895.

Auzencia

Toda a tristeza barbara e profunda
De suprema saudade que desola,
Como torrente que soluça e rola,
Entra-me o peito e o coração me inunda.

Nevoas de tedio e de melancholia,
De existencia longinqua e desditosa,
Trazem-me a sombra triste e lutuosa
Que envolve a tarde, quando expira o dia.

E' que me falta a luz siderea e calma
De teo celeste olhar delicioso,
Lyra de rosas que florescem na alma.

E' que me falta o sol de teos desejos
E teo fulvo cabello esplendoroso,
Onde canta a romança de meos beijos.

Coritiba, 15 Abril 1898.

Lyra

Se ao piano te escuto langorosas
Valsas de amor do terno Ivanovici,
Ondas subteis que meo ouvido ouvisse,
Em teos olhos fluctuam maviosas.

As de Cythera purpurinas rosas
Que enfloram preces e guirlandam beijos,
Murmuram, cantam dulcidos harpejos,
Lindo enxame de estrellas vaporosas.

Noiva, minha alma é Sombra peregrina,
Inebriada de paixão divina,
A tua loura trança rebuscando.

Sol de topazio em noite resplendente,
Ella me envolve carinhosamente,
Louro velludo, leve, fluctuando....

Coritiba, 9 Maio 1895.

Devakan

O Ideal feito coveiro!
Ainda bem, Dona Morte é senhora louçan.

Argentario, conta bem o teo dinheiro!
Morrerás amanha.

Não esquece, argentario,
Leva contigo o teo dinheiro!
Mortalha de ouro, esquife de ouro e de ouro o carro funerario....

E, LA, no Val da Morte, o Ideal feito coveiro.

Argentario, eis a cova!

— *Todo meo ouro, todo... e viver mais um pouco!*

Viver? Nunca viveste, pobre louco!
Dorme! O esquife é *cofre*; a sepultura nova.

Dorme! E o teo dinheiro, um pezadelo de ouro;
A estrangular-te, a estrangular-te mais!

Moedas de ouro a chover sobre teo corpo de ouro,
Chuva de ouro, rios de ouro, ondas torrencias....

E a tua alma asfixiada no-thezouro...
Cada moeda, sete punhaes!

Lilith, rainha dos Succubios, piedosa,
Eo sei que, ao succumbir,
Minha alma subirá num halo cor de rosa,
Ingenua (a pobresinha!) a cantar e a sorrir.

Ninguém penetra os teos arcanos:
O Mal e o Bem....

Mas, á entrada de teos paços soberanos,
Dous porteiros: Job e *Pedro sem*....

Coritiba, 15 Maio 1902.



Ruinas

Poeta, vou conduzir-te aos torreões desertos
Dos castellos azues de minhas esperanças,
Hoje espectros senis, de lianas cobertos,
Sem louras castellans e pallidas creanças.

Vizarás comigo os velhos aposentos
De minhas illusões, risonhas e fallazes,
Batidas de escarceos, soluçando lamentos,
Em poemas crueis, de lancinantes phrases.

Ouvirás o sarcasmo estridulo dos mortos,
Almas rubras, de fel, almas rubras, de horror,
E a maruja da crença a demandar os portos
Da celeste mansão de seo primeiro amor.

Um madeiro verás sobre as pontes alçado,
Negro emblema da dor, triste marco da vida,
Beija-o, beija-o, poeta, é meo louro passado
Interrogando á noite a minha fe perdida.

Se entrevires, acaso, — azas brancas de neve, —
Meigo archanjo ideal a brincar nas ruinas,
É que a imagem subtil de meo sonho, tão breve,
Freme na minha estrophe as azas peregrinas.

1.

Eis o nobre salão. Dos longos muros
Ja não pendem as telas primorosas,
Idyllios recordando e beijos puros,
E nossas guitarrilhas amorosas.

Na sala de jantar, humida e fria,
Não mais louros encantos de sereias,
Quando o ardente champagne lhe bebia
Dos rubros labios e das rubras veias.

Deserta a sala de armas, tão lembrada,
Onde atirava o beijo e o galanteio,
Indo tocar-lhe a bocca perfumada
E o perfumado, inébriante seio.

Ja não conserva a alcova o doce aroma
De seo corpo e de sua cabelleira,
Relembrando-me o dulcido idioma
Do amor ditoso e da illusão primeira.

Poeta, mata-me angustia enervadora,
Mata-me a insomnia e o insano desalento.....
..... Não me pergunes pela *Trança Loura!*.....
Caia o silencio sobre meo tormento.

Não mais posso guiar-te pelo paço,
Apontando-te minha desventura ;
Sinto prender-me vigoroso braço
Que me arrasta á mudez da sepultura.

2.

Coragem, coração! Vamos, nobre poeta,
Subamos esta escada ingreme e tortuosa.....
Em cada um dos degraos ha confissão discreta,
Em cada confissão um petalo de rosa.

Quando o archanjo partio... (Noite serena e bella !)
Ciciava o pinhal a muzica dos beijos....
Na saphyra do ceo, que a saudade constella,
Vi apagar-se a luz de meos mortos almejos.

De então, quiz perlustrar os arcanos do Eterno,
Quiz devassar o ceo, quiz conhecer o abysmo ;
E não mais encontrei meo sorriso superno,
Nem mais soube vibrar a esperança e o lyrismo.

De então, austero e so, no exilio da Chaldea,
Interrogo a amplidão, de estrellas povoada,
Como tacita, enorme e fulgida colmea,
Sobre o seio do espaço eterno debruçada.

E pergunto-me, então, se as estrellas que luzem,
Alta noite, ao luar das estrellas irmans,
Almas tambem não são de noivas que seduzem
E se perdem no albor de limpidas manhans.

E deixo-me ficar soluçando, sosinho,
Alma cheia de angustia, alma rubra de dor,
Como uma ave a gemer, sem o estio de um ninho,
Como um lyrio a morrer, sem o estio do amor.

Eis porque ja não tenho o sorriso de outrora,
E ja não sei cantar e ja não posso crer :
É que a mesma visão, que hoje a magoa desflora,
Foi quem me fez amar, é quem me faz soffrer.

Poente

Boa noite ! O passado é tonel de Danaides,
Saturno, — treva e cahos, — donde não ha voltar !
Tristeza, e luto, e dor, — chumbo aos pés, — soledade,
Calabouços sem luz, cerrados sobre o mar....

E o mar tão bello, e o ceo tão puro, e o sol tão claro !
Esperança ! Ilusão ! Quem me as dera alcançar !
Um thezouro ! E teria as volupias de avaro
Que enchesse galeões.... e se fosse alto-mar !

Quem me as dera ! Loucura ! Eo mesmo consumi,
Doutor Fausto, alchimista, á flamma de rubi
Da sciencia, — Flora e Estio : a Ilusão, a Esperança..

Mortas ! A psykê não voa mais ; enregelou-se !
Ó noites de luar ! Ó Morte, a tua foice,
So ella não te cae : sega.... ceifa.... não cança !

Coritiba, 1.º Janeiro 1904.

Paredra

Venus pagan, olhos de septestrello,
A cabelleira rutila fulgindo....
Amei-te !... Amor, nos olhos teos fulgindo,
Volupia ; luz o sol de teo cabelo.

A luxuria findou. Astro maldito,
Rolei do azul aos pelagos hiantes....
Procurava a minha alma.... Alem, distantes,
Lotus colhi nos edens do Infinito.

Morreste. Ao val da Sombra, compungido,
Boa que foras para meos delirios,
Levei teo nobre coração partido.

So então, osculando o altar de pedra,
A' luz morrente de funereos cirios,
Tua alma ouvi.... — a minha Irman, Paredra.

Coritiba, 22 Nov. 1903

Lilith

O Santuario dos Incas, sobre os Antis,
Apagou-se, alma solar!
Onde iriam perder-se as triremes Atlantes?
Sobre que mar de onix e diamantes?
Sobre que mar?

Na alma, em flor, de nelumbo,
A Ilusão florescia....

Bruxa cruel ipsillo de chumbo
De teos seios de nardo suspendeo....

Agonia! Agonia!
Atlantida morreo!

—
Vanmente o Sol, bróquel dos Antis,
A neve derreteria....

Os olhos de diamante
Eram olhos de cera.

Rosas de argentum do plenilunio,
Magnolias de ambar das Vestaes,
Eram rosas de cera,
Eram flores de cera!....

Bruxa cruel, de olhos de infortunio!

Toda de neve, a Cordilheira
Linha de finos, rutilos punhaes.

Cordilheira da Morte,
Val da morte,
Para Immortaes.

Tinhas na alma de nelumbo um santuario de atlantes,
Volupias a florir, soes de ouro a rutilar,
Serpente Negra, alta sobre os Antis,
A face de marfim a reflectir no mar.

A frota de teos anneis,
Rainha, sobe a sideral alfombra,
Azas da Morte á popa dos baixéis,
Velas de crepe, — para o Val da Sombra.

Teos fluidos absorvem amuletos,
Luz do Occaso e Luz da Alva,
E vertes o langor, com requintes secretos,
Dos cyathos feraes de teos olhos de malva.

E é tão gentil succumbir á primavera
De teos olhos de mar, de insondaveis arcanos,
Que, para entrar teo porto, ó Venus! em Cythera,
Quebro a ampulheta de meos annos.

Venus-Urania, sol, num poente agoniaco,
Ilusão dos sentidos, flor de espuma,
Lotus de volupia, os olhos de Zodiaco,
Astro do Sonho a mergulhar na bruma.

Jalne fluido a dourar-me o fluido das arterias,
Serpe que me enlaçaste o coração....

Azas de Lusbel levaram-me, sidereas...
Azas do Sonho, crepes da Illusão.

Volvi da luz zodiacal a uma furna de feras,
Morto, a sepultar-me no *real*....

Bondade e Amor: duas megeras,
Duas serpentes em corpo astral.

Bondade e Amor: duas caveiras,
Idiotamente, a rir....

Duas caveiras: duas loucuras!

Estheta, cava estas eiras!
Abre duas sepulturas,
Quero dormir.

OFFERTORIO:

Lilith, rainha dos Succubios, cohorte!
Alfim, ilha de Thule, flor de espuma!
Em tua taça bebo o ouro da morte!
E entro os paços reaes do Silencio.... da BRUMA

Coritiba, 15 Maio 1902.

Rosa Alchimica

Olha, ó virgem, — não te illudas, —
Eu só tenho a lyra e a cruz.

Junqueira Freire

Eu fui outrora Cavalleiro,
Era de argentun meo solar;
O meo brial de Cavalleiro
Era de lyrio e de luar;
O meo broquel de Cavalleiro
Era um sol de ouro a rutilar.

Em minhas torres de esmeralda
Iam-se os Astros reflectir,
Eram esperanças de esmeralda
De suavissimo luzir;
Eram blandicias de esmeralda,
Astros e Perolas de Ophir.

Vinham-se frotas do Oriente,
Sonhos e purpura, — ao Sol!
Elphos e Sylphos do Oriente,
Meo coração era um pharol;
Era um santelmo do Oriente
Effluviado pelo Sol.

Mas, nos recontros, o Destino
Quebrou-me a lança de crystal;
Descei ás luras do Destino,
Perdeo alvares o brial;
As minhas torres o Destino
Vestio de crepe sepulchral.

Vestes de monge da Saudade
Cingiram alma e coração;
Alma, no exilio da saudade,
Palmilho extranha solidão;
Os meos psalterios de saudade
São violetas da Illusão.

Invoco as sombras do Passado,
Violo tumulos de amor;
Entro sepulchros do Passado
Levando outonos de amargor;
Nos sitiaes de meo passado
Apenas reza a minha dor.

Nos athanores da Magia
Achei mercurio, enxofre e sal
Philtros occultos da Magia,
O' luz extranha, ó luz feral!...
Corvo soturno da Magia,
Onde os alvares do brial?

As esmeraldas da Esperança
Na luz astral vão refulgir;
O vivo argentum da Esperança
Brilha nas perolas de Ophir;
Fulvos leões, rubra esperança,
Thecel da Morte e do Porvir.

Extingue a lampada, Alchimista!
A Lua desce para o Alem...
Rutila o Sol... — Velho Alchimista,
Da-me esse philtro que faz bem!
Santelmo fui, velho Alchimista,
E fui psalterio, — alma do Alem.

Ó Renascença, ó philtro de ouro,
— XX —: mysterios do Binario!
Entra, minha alma, os solios de ouro
Desse esplendente santuario!
Brilham Santelmos, — prata e ouro, —
Analogias do Binario.

OFFERTORIO:

Senhora,

Outrora, Cavalleiro
Eo fui; subi solios de luz...
Mas, o brial de Cavalleiro
Rompi nas traves de uma cruz;
Espectro sou de Cavalleiro,
Monge que leva extranha cruz.

Em minhas noites de precito
Passam visões de adolentar;
Monge que sou — bardo e precito —
Cultivo lyrios de luar,
Estrellas mortas do precito
Efluviadas de luar.

A rosea flor dos dias de ouro
Murchou nos hortos de Anael:
Perdi solar e paços de ouro,
Ruio a torre de Babel...
Apenas guardo — em letras de ouro —
SAUDADE, a rosa do broquel.

Estrella Vesper da meiguice,
Eu sou a Cruz da soledade;
Suspende a lyra da meiguice
A' cruz soturna da Saudade;
Acende os cirios da meiguice
Nos sitiaes da soledade.

Tu es um lyrio de meiguice,
Eo sou o espectro da Saudade.

Da alfombra do silencio

Luz do Oriente,
Aclaradora,
Tu me envolveste docemente,
Quando parti em meo corcel de auroras
Para o Ideal !
Tu me envolveste em purpuras e linhos,
Quando a canção dos passarinhos
Evocava Eleonora,
E os echos perguntavam : — «Porque choras,
Parcifal ?»

A sua regia trança loura,
Desennastrada e triumphante,
Dourava-lhe o semblante,
Toda luares
Seo perfil vestia ;
E no meo sonho fluctuava,
E acompanhou-me alem dos mares,
Muza da Poesia,
Pendão que a luz da Aurora redourava,
Aza que me acenava,
Quando a noite cahia ;
Quando a triste saudade amarfanhava
Meo triste coração de Peregrino,
A' hora do repouso ;
No silencio do pouso,
Quando a saudade ao coração descia.

Hora de Vesper, quando a luz poente
Se apagava,
E minha alma, contrita, murmurava :
— Eleonora!... Eleonora !...

Quando parti de seo castello,
De sua guzla o ritornello
Vinha direito ao coração !
Fio de espadas dolorosas,
Lio de amor, lyrios e rosas
Que me atirava sua mão.

De arnez e lança,
Plumas brancas no elmo resplendente,
Eo me engolfei na luz nascente,
Cavalleiro templario da esperança.

Não houve justa, por mais rude,
Nem houve ousado paladino,
Cujo destino
Eo não vencesse, em prelios de virtude.

Nos solares reaes,
De rica argenteria e famosas espadas,
Rompi lanças,
Topei escudos e broqueis ;
Na gloria dos torneios
Palpitaram, por mim, macios seios
De creanças, de donas, de donzellas,
Cujas escarcellas,
De ouro recamadas,
Se abriam. . . . E seos lenços, fluctuantes,
Como plumas de arminho,
Se agitavam na luz com fervor e carinho,
Triumphaes.

Nas citharas frementes,
Esbeltos menestreis
Celebravam, em rimances,
Os transe
Mais altivos;
E na prece dos olhos eloquentes,
De promessas fieis,
Adivinhava corações captivos.

Segui, sem tregoa, meo destino
De cavalleiro e peregrino,
De peregrino e trovador.
Na primavera, as andorinhas
Iam levar-lhe as trovas minhas,
A minha crença e o meo amor.

Os infinitos,
Maiores no deserto de meos dias,
Na solidão das noites refulgentes,
Transmudavam agonias....
Echos de morte e sombras
Evocavam
Da mudez das alfombras
Os mysterios do ser....
Descrentes,
Malditos,
Perpassavam
Merencoreos phantasmas de vencidos,
Os corações partidos
De soffrer.

Luz da alva, quem te ouvisse
A canção de esperança!
Quem te ouvisse cantar o solao dos vergedos,
Redizer os segredos
Das castellans....

Quem te ouvisse, luz da alva,
Pensaria
Que a tua luz trazia
O aroma de santal, de benjoim, a malva
De seos labios em flor,
O esplendor
De sua loura trança....
Quem te ouvisse,
Na macia caricia da manhan,
Talvez sentisse
O seo amor,
Seo ideal, transfigurante amor!

No elmo as plumas fluctuando,
Fui passando
De terra em terra,
Fosse em guerra,
Ou fosse em paz....
Um so momento
Não tirei seo perfil do pensamento....
Victoriosa,
Radiosa....
E, um dia, eo disse: — Para traz!

Volvi! Volvi trazendo os louros
De cem recontros, os thezouros
Do nobre e altivo coração;
Em meo regresso de esperança
Via fulgir-lhe a loura trança,
Via a acenar-me a sua mão.

O meo corcel impetuoso
Transpunha os dias
A correr....
Como é distante o ultimo pouso!
Mas, como aquece as alegrias
Que fazem a alma renascer!

— Bom dia, rosas ! Passarinhos,
Bom dia !
E quanto es linda, ó luz solar !
Como são bellos os caminhos !
Como são bellos
Os castellos,
Todos de aroma e pedraria,
Ninhos de luz, de sonho : ninhos !
Ninhos de estrella, á beira-mar.

Entrei. Mansão silenciosa. . .
De sua guzla a voz maviosa
Emmudecera. A solidão
Era profunda. Uma agonia
Passava e um som de tumba fria
Vinha direito ao coração.

Louros meos, que valiam !

Extinta a luz da vida interior,
Os dias se consumiam
Na dor.

O corseil da illusão rolou no abysmo,
Cataclysmo
Tudo ennovelou. . .
A armadura depuz e depuz o montante.
Minhas plumas de arminho,
Velludo de meo ninho
O ferreo guante
Amarfanhou.

A mansão do Silencio abrigou-me no seio.
Uma lousa encontrei
De alguém que conheci,
Que de bem longe veio. . .
De alguém que muito amei
E não mais vi !

Quando o luar do Campo Santo
Desperta os mortos, o meo canto
Repete á noiva o meo amor ;
Linda resurge e, lado a lado,
Volvemos juntos ao passado
De castellan e trovador.

Retiro Saudoso, 29 de Julho de 1925.



Cithara

A Alfredo de Almeida

Inda ecoa em minha alma o velludoso canto
Da cithara que ouvi na cidade serrana.
Das Graças de teo lar, na paz virgiliana,
A de louro diadema e peregrino encanto

Dedilhava-a, á hora astral dos poentes. Recanto
De estimas aromaes e nobre filigrana
De affecto era teo lar. A saudade que emana
Do coração amigo, evoca-a. O Campo Santo

Recolheo, compassivo, o envolucro da Graça;
Mas, não estiolou o roseiral cantante
Que em seos olhos em flor, como num sonho, passa.

Mystico roseiral, na infancia florescido,
E cujo aroma bom, como um sonho distante,
Dorme em teo coração pela morte partido.

Retiro Saudoso, 19 Nov. 1923.

Eterno thema

Serias, sim, profuso ceo sereno,
Se os sete cyclos de minha alma entrasses,
E a dextra firme, a duvida apagasses
Que me envenena. . . . Mas, o teo veneno

Corre nas minhas veias, corre e tinge
Os meos desejos — de velludo preto;
E essa cruz que te adorna, aureo amuleto,
Fere o destaque desse olhar de Esphyngé.

Vae-te mal o contraste; amo os extremos;
Ou consentes eo colha os cysanthemos
Da bocca, — ó merencorea entre as christans;

Ou parte a cruz. . . . E, num alor ardente,
Cinge-me o busto, rutila Serpente,
Na empolgante luxuria das manhans.

Coritiba, 4 Nov. 1904.

Crepes

A Emilio Viscontini

A celagem fatal de inquieta loucura
Vela o bronzeo tropheo das esperanças de ouro,
E, sinto, na minha alma abres o teo thezouro,
Monja que vens rezar em minha sepultura.

Tenho no olhar extinto a guzla de uma prece
E a tacita visão de uma existencia morta...
Monja, que vens fazer? Teo olhar não supporta
A tragedia de horror que me exhaure e adormece.

Paz terrivel do Nada e do Anniquilamento,
Divina paz cruel que eo supplico e me algema!...
So eo sei me abysmar nesta agonia extrema,
De onde surge a illusão de meo fulvo tormento.

So eo devo descer para a Treva infinita
Como um cirio de luz que se extingue na treva.
E levarei ao peito a effigie medieva
E o torturado amor de cortezan maldita.

A minha alma é, talvez, como um cypreste exangue,
Derivando á mercê dos circulos do Inferno.
Eo, barqueiro do affecto e do ideal superno,
Levo-a, atravez a dor, entre vagas de sangue.

Levo-a, de beijo em beijo, e de anhelos em anhelos,
Resvalando em parces e rochedos sombrios,
Abrindo em cada olhar prantos e tresvários,
Em cada coração cravando um pezadello.

Não, não debes rezar, monja de olhos sidereos;
Embalde oscularás a minha sepultura;
A mortalha feral da suprema loucura
Cinge o meo coração em noites e mysterios.

Coritiba, 13 Set. 1896.

Amor latente

... E iremos sempre assim pela existencia fora,
Interrogando os ceos, olhar cheio de pranto.
So os ceos saberão toda essa dor, Senhora,
Que nos opprime o peito e nos desola tanto.

So os ceos saberão porque nossos olhares
Teem a vaga expressão de tão feral tristeza,
Pois o infinito azul dynamiza os luars
Que os astros vão levar por toda a Natureza.

Estudarás comigo a etherea liturgia
Das almas sem phanal, condemnadas em vida;
E saberás, assim, toda a melancholia
Que se evola do altar de abandonada ermida.

O coração que amou, por mais augusto e forte,
Chora sempre a illusão da primeira caricia,
E arrasta na penumbra os seos grilhões de morte,
Nostalgico da luz de uma estrella propicia.

O Innato não succumbe; esperemos, querida.
Amor levar-nos-ha na concha perfumada;
E surgirás do limbo, astro da fe perdida,
Como Venus da espuma e um lyrio da alvorada.

1895.

Sol e neve

Estatua de marfim, branca e sem vida, fatua. . .
Era gelo polar seo coração e mente....
Quem lhe poz essa luz, quem a fez refulgente
Estrella de santal?... — Quem te deo vida, Estatua?

Bebes, Lyrio de amor, o nectar das Esphas
Que rebrilham no azul e te dão seiva e aroma...
Muza, que argila foi, transfigurada assoma
Guirlandando do Templo as columnas severas.

Eo fui o Creador de tua alma, o sublime
Estatuario, a VOZ que te chamou á vida...
Creei-te, e transfundi-me em ti, em ti perdi-me!

Teo labio em flor bebeo-me a alma. — A alma e a luz
Tomaste; e succumbi. — Mortalha, em luz fundida,
O manto de Urania envolve a minha cruz.

Tempio das Muzas, 15 Março 1928.

Calvario

A Themira Tourinho.

A patena da ultima saudade
Reflecte ainda o teo perfil tristonho,
E vens pouzar na minha soledade
Bem junto ao esquife do primeiro sonho.

Beijo-te as mãos, as tuas mãos nevadas,
E te aperto e te estreito contra o seio.
Porque lembrar as illusões passadas,
Se temos sempre a morte de permeio?

Ah! que eo não possa, austero celebrante,
Beijar as plantas de teos pés de neve!
Feral calceta deste amor pujante
Que a pranto e luto a sua historia escreve.

Pallida e loura. Symbolo esquecido
Entre as ruinas de uma estrella casta,
Guardas no olhar meo coração partido,
A litania de uma dor nefasta.

Monja que as magoas celebrou do exilio,
Monja que volve ao triste presbyterio,
Tendo nos labios um fanado idyllio,
Todo de pranto e todo de mysterio.

Dize a prece da ultima saudade
Sobre este negro e funebre calvario.
E' mais soturna a minha soledade
Sem a caricia desse alampadario

Que te acende nos olhos de esperança
As illusões fanadas tristemente,
Como um carinho e como uma lembrança,
A' hora triste do sol, na luz poente.

Todas as minhas lagrimas de asceta
Foram vertidas sobre o escapulario
Em que bordaste a effigie do poeta
E a paizagem sombria do calvario.

Coritiba, 7 Janeiro 1896.



Ao cahir das folhas

Hélas! les beaux jours sont finis!

Th. Gautier.

Teos vestigios buscando. E a sombra esquiva e ductil
De teo corpo, e o teo ser de enlevo e de harmonia.
As acacias em flor... E a voz? E a luz macia
De teos olhos? E a flor do teo sorrir?.. Inutil

Meo afan de buscar-te!... A vida leve e futil
Empolgou-te... O jardim esquecido... A poesia
Do ceo, da natureza, evolada..... Sombria,
Deambula na noite a minha alma inconsutil.

Linda e formosa! Linda! Eo quizera elevar-te
Um templo de saber, de sentimento e de Arte,
Culto de graça e amor á Muza do Ideal.

Deslumbrou-te o clarão do mundo. Adeos, Senhora!
Hoje: sombra... Hontem: luz, a flamma inspiradora
Do bardo.. Eleita: e morta... Eleita: e tão fatal!

Retiro Saudoso, 28 Out. 1928



Ultima caricia

Esse beijo de amor
Onde foi reflorir o meo desejo,
Não me deo da illusão todo o sabor,
Todo o sabor de um beijo.

E' que me foi a ultima caricia:
E bebi nesse beijo a ultima esperança...
Esperança que foi minha delicia,
Sainete de alliança.

E' que o saibo do amor tambem mata e envenena,
Quando amor não mais é a taça do ideal....
Augmenta a minha pena
Em te vendo soffrer, Lampyrio sem phanal!

De tuas orações e de tua belleza
Eo fizera, Leonor, um poema divino,
Onde iria pouzar toda minha tristeza,
Levada pela dor e por um mao destino.

A duvida do Hamleto
Faz-me descrer de ti, como se ingrata foras...
E' que o templo do amor guarda muito esqueleto,
E os cyprestes tambem são visões scismadoras.

Porque vivemos soluçantes,
O madeiro da magoa
Arrastando, a esmolar como dous supplicantes,
Uma lyra nas mãos e os olhos turvos de agoa?

Como duas estrellas,
Porque não fulgurar na longinqua amplidão?
Somente o ceo pode contel-as
Em seo immenso coração.

A minha alma, Leonor, é irman de tua alma.
Porque augmentar o soffrimento austero?
Reflecte-te em minha alma,
Encantadora Hero!

Porque a dor envenena?
Porque o amor ha de ser o martyrio do amor?
Porque não tem a flor as azas da phalena
E não tem a phalena o perfume da flor?

Porque nós, Leonor, que duas azas somos,
Não poderemos ir pela amplidão serena,
Repetindo ao luar as trovas que compomos,
Tendo o aroma da flor e as azas da phalena?



Flor de cactus

Vens do Azul, da Chimera, alma de olhos sidereos,
Que a minha alma de asceta aos paramos eleva
E á minha viuvez de magoas e mysterios
Abre as aras do Alem para o officio da treva.

Eo te bemdigo, e sigo o teu corpo de Sombra,
Feito de nevoa e luz; nevoa das louras tranças,
Luz do olhar, desse olhar, deliciosa alfombra,
Calvario e sitio de minhas esperanças.

Illusões são punhaes. Cada illusão que aflora
A' penumbra de um sonho, alma de olhos sidereos,
Leva o espectro da cruz ás flammulas da Aurora,
Cruz do Alem, cruz feral, de magoas e mysterios.

A caricia cruel de teu seio fremente
Abre as aras do Alem para o officio da Treva.
E eu te sigo. E a minha alma, ajoelhada, sente
Que a tua alma de morta ao passado nos leva...

Coritiba, 14 de Junho de 1897.



Esphynges

A Sylvia Carneiro

Quando, ao cahir das tardes merencoreas,
Vesper fluctua nos occasos limpidos,
Serenos o olhar de fluidas esmeraldas;
Invade-me a saudade!

A sombra emerge da campina e sobe,
Extende as azas negras no infinito;
Coa-se a luz das tremulas estrellas,
Perdidos pyrilampos.

A meus olhos de asceta um vulto surge,
A' frente o brilho dos iniciados,
Azas de luto, garras de chimera:
Esphynges!

Vem da terra de Kemi ou vem da Atlantida?
Traz dos Mysterios o suave aroma...
Evoca os lotus... faz sonhar os Deozes
E os magos da Chaldea.

Avulta, avulta, os olhos magneticos
Numa fascinação irresistivel;
E seu olhar me pouza, enigmatico,
Cheio de arcanos.

Depois, dous hortos vejo-lhe nos olhos,
Dous paraizos nuançando encantos,
Supplicas feitas de caricias flebeis,
Humilima pergunta.

Tem o atractivo da Theano hellenica,
A meiguice de Sapho, a peregrina
Formosura da Venus de Corintho,
A bondade do Buddha.

Mas, não traduz em phrases a pergunta;
Não revela o mysterio de sua alma;
Antes soffre em silencio e, meiga e ductil,
Sorri apenas !

Sorri ! Quem pode interpretar-lhe o riso ?
Quem o segredo conhecer-lhe e a magoa ?
Olhos e riso de onde voam juntas
A esperança e a tristeza.

Não é feita de argila, é feita de ether,
Da fina essencia das estrellas castas;
Sobre os instinctos radiosa fulge,
Flor de harmonia.

Não pertence aos mortaes, pertence aos genios,
Longe dos cyclos da materia densa;
Nasceo para brilhar nos santuarios
De Delphos e de Eleusis.

Podesse o asceta conhecer-lhe o arcano !
Podesse o vate alcandorar-te, ó Muza !
E não serias, qual te vejo sempre,
ESPHYNGE !

Retiro Saudoso, 8 Nov. 1909.

Cofre aberto

A José Muricy

Vejo o que foi outrora meo encanto:
O seo retrato, o seo cabello de ouro,
Folhas de malva, folhas!... Um thezouro
De meiguissimas phrases ... Hoje, emtanto,

Nem posso o nome repetir-lhe e a trova
Que burilava a beijos ... Tristemente,
Entrego ás chammas todo esse eloquente
Escrinio antigo ... Mas, até a cova,

Eo guardarei a sua effigie ... E a chave
Desse mysterio morrerá comigo,
Sombra que a magoa fez austera e grave.

Sombra!... O seo nome era a macia alfombra
De minha vida ... Tudo acaba!... O amigo
Morre!... E seo nome: Sombra!.. Sombra! Sombra!

Coritiba, 23 Março 1908

Dolencias

Mal surge a noite e, pelo firmamento,
Constellações resaltam piedosas,
Ouço o requiem das lagrimas saudosas,
De minhas magoas e desolamento.

Fito o *Cruzeiro* Bate-me o lamento
O compasso das preces dolorosas:
E os violinos das paixões famosas
Estertorejam intimo tormento.

Alma, que archanjo um osculo soluça?
Que pallido phantasma se debruça
Sobre o calvario que no seio trago?

Magdalena do amor, que amor te esmaga?
Vaga minha alma e tua sombra vaga
Dos impossiveis o funesto lago.

Capital Federal, Julho 1893.

Esperança

Guarda o symbolo de ouro, a mystica alliança,
Noiva ideal que adoro, em meos dias de asceta;
E um dia volverás, ao braço do poeta,
Nos labios reflorindo as rosas da esperança.

Um dia, volverás pelo meo braço... Estheta,
Burilarei da estrophe os versos lapidarios;
Entraremos do sonho os niveos santuarios,
Templos gregos do Amor junto á lympha discreta.

O lago da Illusão reflecte o templo... Ha de
Reflectir desse olhar toda a suavidade,
Todo o encanto feliz de teos olhos divinos.

Lindos jardins,—Theano,—a florescer em lyrios;
Almas, Almas irmans, o lotus dos destinos
Colhendo, á luz astral de Aldebaran, de Sirius.

Retiro Saudoso, 3 Jan. 1910

Esquife

Vês este esquife lyrial?... Descança
Ahi, fanado, o derradeiro sonho:
De puro olhar, dulcissimo e tristonho,
Meigo e pungente raio de esperança.

Foi esse olhar o idyllio mais risonho
De minha vida amenidosa e mansa...
E quanta vez beijei a loura trança
Dessa que eo via em derradeiro sonho!..

Ella, porem, fugio... Magoa secreta
Veio minar a vida do poeta,
Dando-lhe o haschiç de sensações profanas.

Regressa agora.... E' tarde, noiva amada!
Minha lyra repouza, amortalhada
No ereo sudario das paixões humanas.

Outubro, 1892

Neves

A' memoria de Lycio de Carvalho

As caricias dulçurosas
Dos amores juvenis
Ja não vibram maviosas
Em minhas noites subtis.

Das sepulturas sombrias
Os duendes macilentos
Descantam melancholias
Em meos dias lutulentos.

Interrogo o eremiterio
De minhas scismas severas
E palmilho o cemiterio
Das fanadas primaveras.

Mas, a prece não consola
Quando é morta alma illusão;
Quando a saudade estiola
Os lyrios do coração.

As neves do scepticismo
Me envolvem sinistramente,
E sei que rolo no abysmo
Da tristeza a mais pungente.

Branças neves da saudade,
Astros das noites do amor,
Osculae a soledade
Do finado sonhador!

E o silencio que resumbra
Das lethargias do Nada,
Seja a discreta penumbra
Da derradeira morada.

Coritiba, 9 Jan. 1894.

Ultima Estrella

Voltava ao cahos o mundo. A ephemera existencia,
Sol que se vae no occaso, aos poucos se extinguiu;
Com o mundo a paixão, com o mundo a sciencia,
No silencio sem fim de uma campa vasia.

E os soes iam morrendo, astros rubros, gyrando....
E a treva, a treva algoz, invencivel, cruenta,
Corria-lhes no encalço, em sombra os afogando,
Espectros sepulchraes de face macilenta.

Uma estrella, no emtanto, assistia e brilhava,
Astro da Fe, do Amor, da crença derradeira,
E pelo sentimento e pela Fe luctava,
Vencendo a derrocada e a morte forasteira.

Mas, este astro tambem, essa ultima vontade,
Na noite se extinguiu. E, pelos ceos profundos,
Abria largamente o crepe da saudade
O Tempo, amortalhando a noite, a treva, os mundos.

Como o ceo, Eleonora, a minha alma de bardo
Tinha estrellas gentis, de angelicos fulgores;
Onde hoje cresce a urze e desabrocha o cardo,
Palpitavam legiões de beijos e de amores.

Tu eras, Eleonora, a crença derradeira,
Scintillando no azul da paixão que conforta....
Perdi-te! E o crocitar de uma horrida caveira
Chasqueia-me, fitando, a minha crença morta.

A minha alma partio. O espirito não mora
Onde vive a tristeza e não palpita a luz.
E eo so tenho da angustia o cypreste que chora
De minha enorme dor sobre a sinistra cruz.

A minha alma partio. E eo sigo amortalhado
No sudario da magoa e da desolação,
Sem um astro sequer dos astros do passado,
Cadaver, sepultando o proprio coração.

Perdi-te, Eleonora!... Austera soledade
A do ermo que envolve a minha alma doente.
Cingem-me o coração os crepes da saudade
E a saudade sem fim de teu olhar ardente.

Coritiba, 8 Jan. 1894

Psalterio Funebre

Não te maldigo, não!

Castro Alves.

Eo seguia sosinho o tramite da vida,
Desilludido da amizade humana,
Resvalando na ingreme descida
Por onde segue a triste caravana
Das almas dos poetas.

Todas as imagoas desalentadoras
Que maviosos bardos teem cantado,
Recordavam-me as jovens Leonoras
Com quem tenho sonhado,
Quando releio os mysticos prophetas
E volto aos paraizos do passado,
Onde murmuram nenias indiscretas
As esperanças de porvir dourado.

Porque, haveria, então, — eo que sou pobre e cego,
Acreditar em ti que, como as outras, mentes;
E, esquecendo o madeiro que carrego
Sobre os hombros em sangue,
Fitar-te os olhos supplices e ardentes,
E a voz ouvir-te harmoniosa e langue?

Porque haveria eo que sinto o ceo vasio,
E não tenho na terra o fulcro de uma lousa,
Correr atraz de sonho fugidio,
Azas espalmas, fatua mariposa?

Ó Leonor, como o sorriso é falso!...
Como engana essa voz
Que arrasta o vate para o cadafalso
Dos supplicios eternos,
E arroja os corações para os avernos,
Povoados de sombras como nós...

Porque vieste encantadora e bella
Inocular-me o balsamo das graças,
Se, como as sombras, fugitiva passas,
Se, como as sombras, te não corporizas ?
O ceo da magoa nunca se constella,
Não se constella o ceo do desalento !....
Porque pouzaste no meo pensamento,
Se tua effigie a morte symboliza ?

Não te maldigo, não !.... Choro comigo
Todo o infortunio que meos dias mata.
Bemdito o frio espelho do jazigo
Onde meo corpo todo se retrata !

Que vale a dor de um atomo que pensa ?
Que valem desesperos de poeta ?
Todos bebemos a fatal descrença....
E, como a planta, o ser tambem vegeta.
Que vale uma saudade ?
Que vale essa tristeza que me punge ?
Um outro existe a quem teo labio unge
Do fino aroma da felicidade.

Sê feliz, Leonor ! Seja de brancas rosas
O teo soberbo leito de noivado ;
Que so eo sorva as plantas venenosas
Que pela vida temos encontrado.
Que so eo sinta a flamma dos espinhos
Que ás almas queima no sarçal ardente ;
So eo palmilhe os ríspidos caminhos
Onde floresce a dor selvagemmente.

Sê feliz, Leonor ! De minha soledade
Não te irei recordar a ingratição cruel.
O amor será sempre um sonho e uma saudade,
Será sempre a saudade a Muza de RUDEL.

Não te irei recordar os ternos juramentos
E aquellas phrases todas que dizias...
O malsinado encerra os soffrimentos
Num cinerario de melancholias.

Vivérás, sem que a sombra de meo vulto
Va projectar-se em teos palacios de ouro ;
Não professas, comigo, o mesmo culto,
Não julgaremos pelo mesmo foro.

As tuas opulencias serão tantas
Como as estrellas, como os grãos de areia ;
Eo ouvirei a confissão das santas,
Rogando aos ceos pela desgraça alheia.

Que importa o desespero de um poeta,
Quando vivemos venturosamente ?
E ver-te-hei, talvez, mais indiscreta
Que a estrophe mais sincera e independente.

Ó Leonor, é que não comprehendes,
Em tua ignorancia tão celeste,
Que a mais rara ventura
Fenece um dia, como a flor mais pura ;
E a lampada que acendes
Sobre esse altar de marmore lavrado,
Reflectirá por todo teo passado.
E' que não sabes que essa mesma luz
Ha de guiar-te á humilde sepultura,
Sobre a qual abra os braços uma cruz,
Feita de prantos e de desventura,
Onde irá projectar-se a sombra de um cypreste
E o severo perfil de um monge desolado.

Sombra...

A MARTHA SILVA

Flue do poente de ouro a sua imagem,
Arminho e aroma ;
Assoma
Em minha humilde, merencorea cella ;
Fora, na folhagem
Passam favonios e suspiram ninhos....
Ella, somente Ella
Não se perde nas curvas dos caminhos.

Ninguem mais me vizita nestes ermos....
(E' tão risonha a vida das cidades !)
Anachoretas são enfermos,
Perdidos na penumbra das saudades....

— Que me queres, Irman ?
Do solitario

O tugurio é sombrio,
A noite é triste nesta soledade ;
Ficarias como um lyrio
No cimo do Calvario,
Flor de bondade
Perdida
Na penumbra feral de minha vida.

Nos meos olhos de monge
Andam sombras
De meo *Retiro* amado....
Longe,
Sinto ainda o velludo das alfombras,
Ouço o murmur das fontes,
Evoco os horizontes
Do Passado.

Na paz daquelle horto
Aprendi a harmonia das Esphas ;
Era tudo conforto,
Em tudo florescia primaveras.

Zumbidoras abelhas
Das cataias em flor o mel tiravam ;
Nas hortencias azues, entre corbelhas,
Pintasilgos cantavam ;
Da cryptomeria no obelisco
Os garrulos pardaes
Saudavam-me dos ninhos
Nas manhans joviaes ;
Era o *Retiro* o meo aprisco,
Eram aquelles caminhos
Meos tramites reaes.

Que queres, minha Irman, que posso agora ?
Volve a teo lar!...
Branca estrella da tarde, á tua hora
Melhor fora dormir que despertar !

— Que me queres, Irman?... Roxa saudade
Cinge-me o coração....

— "*Sou o echo de tua soledade :*
SOMBRA : Recordação...."

Angelus

Vamos, poeta, ilumina a mesquita da magoa,
Veste, agora, da magoa o negro sambenito;
Eleva para a cruz os olhos rasos de agoa
E sobre o po da nave ajoelha-te contrito.

Ouves? Baomba o sino as orações da noite....
Ha em toda a amplidão o mysterio da Cruz....
Perpassa á luz do cirio a sombra de um açoite:
De mortas illusões e de flechas de luz.

As mysticas visões elevam-se das campas,
Na dextra apresentando os missaes do Destino....
E a larva do pezar sobe as ingremes rampas
Do paiz da saudade e do amor peregrino.

Todo poeta que soffre, a tristeza do monge
Sente, e sente do monge os longos desalentos:
E' que a ambos o Amor fita-os de muito longe,
E sem amor não ha nem ceo nem firmamentos!...

Vamos, poeta, ajoelha! Esse templo é a tua alma.
Sobre o negro madeiro um anjo se debruça.
Seo semblante não tem a merencorea calma
Das virgens; mas a dor que em teos versos soluça..

Esse archanjo é a visão de teos dias mais santos,
E' o mystico ideal que te vibrava a lyra;
E por elle subiste um calvario de prantos,
E por elle a tua alma estremece e suspira.

Vamos, reza, poeta! As orações confortam....
Perpassa á luz do cirio a sombra de um açoite....
Os mysterios do Ceo so as cruces supportam,
Porque o Ceo fala á cruz pelos astros da noite.

Abre o teu coração a todas as tristezas,
Vive na tua dor, silenciosamente....
E as tuas orações e as tuas incertezas
Sepulta junto á cruz de tua dor vehemente.

Cinge mais sobre os rins os cordões do cilicio,
Crava mais o punhal que te lacera o peito.
O ceo quer muito pranto e muito sacrificio....
Morre, para que o ceo se julgue satisfeito!

Irrisão! E não ha quem te comprehenda as dores.
E o sino do pezar toca sinistramente....
Monge, oscula essa cruz!... Monge, entoa louvores!...
Vive na tua dor silenciosamente.

Coritiba, 10 Março, 1894.

Sombras

A Mercedes Tourinho

Não mais dedilha a merencorea lyra
A bella castellan enamorada;
Apenas, hoje, a viração suspira
E acorda os echos de canção magoada.

Apenas, hoje, sob o ceo sereno,
Choram visões formosas e sentidas,
E mavioso e embalsamado threno
Enche a soidão de notas compungidas.

Não mais chega ao balcão a Julieta,
Nem mais suspira o trovador queixoso,
A um tempo amante, muzico e poeta.

Apenas freme a murmura folhagem:
E a effigie branca de luar saudoso
Fita e amortalha a funebre paizagem.

1892

Flor de silencio....

A Clara Pacornik

Flor de silencio, flor dos santuarios,
Prece de aroma,
Prece
Que á luz crepuscular da tarde reaparece
No horizonte,
Evocando longinquo estradivarius
De intangiveis perfumes,
Quando o luar assoma
Na cimeira do monte,
Silenciosa fonte
De saudade,
Fonte de extintos ciumes,
Frios,
Frios!....
Neve de mortos estios,
De extintos lumes,
SAUDADE!

Flor de silencio, enlanguecida
Na solidão da Ermida,
Na solidão do amor;
Flor de graça, e renuncia, e solitude,
Alaude de aroma,
Alaude
De intima e discreta confidencia,
Toda silencio
E intima dor!....
Flor que pende e inclina a taça,
Quando o luar assoma
Todo neve,—tristeza de uma ausencia
Que não passa!....
Frio!....

Frio!...
Nevoa que vela o rio
Da existencia...
Rio na solidude!....
SILENCIO!

Flor de neve na cor e de flamma na seiva,
Flor da steppe distante,
Slava!
Slava silenciosa e de alma crepitante,
Na solidão da Ermida quieta,
Na solidão!...
No exilio!...
Flor que recorda o idyllio
Do coração;
Flor que recorda e grava
A blandicia do ceo e o cicio da aragem,
Abre o calice, Flor,
Ouve a mensagem
Do amor!
Ouve, Flor de silencio, em silencio!
Silenciosa....
Silenciosamente,
Da alma crente
A confidencia discreta,
O segredo de tua e minha solidão:
—Em teu peito, em meu peito ha um so coração.
E da ausencia a neblina,
Fria!
Fria!
Arrefece
Nossa prece....
E' tua sina:
E' minha sina:
SOLIDÃO!

emplo das Muzas, 19 Dez. 1928.

Alma viuva

Nostalgia do azul... Fita-me tristemente
O ceo, como sentindo a dor que me lacera;
E a saudade sem fim de morta primavera
Entra-me o coração silenciosamente.

Ha cyprestes no ceo... De acerbo desespero
Passa a negra visão nos paramos celestes;
E ruge-me no peito o ultimo gageiro...
Morte, fora melhor a sombra dos cyprestes!...

Azas de minha angustia, atravez de oceanos,
Esbatem o luar das esperanças mortas....
E soffres, coração!... E, sublime, supportas
A blasphemia dos maos e a chufa dos tyrannos.

A descrença cruel que immobiliza e cresta,
Neva-te!... E não tens mais a caricia da vida.
Tens a soturna dor de asperrima floresta,
Ensombrada de tédio e de magoa embebida.

Quem te fez immortal, alma desconsolada?
Quem te lançou no cahos de uma paixão sem termo?
Quem te faz arrastar o exausto corpo enfermo
De amor que succumbio, que não vale mais nada?

Essa alma tua irman, que era a tua alegria,
Partio!.. Alma infeliz, que não podes segui-la!....
E sentes, atravez de tua phantasia,
A vehemente paixão de falar-lhe e de ouvi-la.

Alma, so tu não tens os osculos da Sorte;
So tu não podes ir onde vae teu desejo!
Has de assistir eterno o funebre cortejo
Dos que se vão da vida á tristeza da morte.

E não encontrarás a tua irman e amiga,
Pois a prece de amor que o coração encerra,
Morre, sem que se encontre a meiga effigie antiga
Alem da infancia, alem da vida, alem da Terra.

Viverás, memorando o teu passado morto,
A so consolação das almas inditosas,
Sem a sombra da cruz das crenças piedosas,
Sem a lugubre paz de discreto conforto.

Viverás triste e so,—misero anachoreta,—
No tugurio da magoa e do desolamento,
Supportando o grilhão de sinistra calceta,
Amalgamado em pranto e muito desalento.

Na poeira do amor caminhando de rastros,
Como quem vae da luz á treva lutulenta,
Embalde arrojárs á lua macilenta
O crepe dessa dor que carboniza os astros.

Em tua viuvez não terás um sorriso
Que te venha morrer nos labios semi-frios;
Serás como uma flor, morta no paraizo,
A rolar nos cachões de envenenados rios.

Queres a paz! a paz não existe entre espinhos.
Assistirás eterno a tragedia da vida;
Outras almas verás,—alma desilludida,—
Arrastando na treva a dor pelos caminhos.

Outras almas verás, tristes e lastimaveis,
Entoando a canção das saudades eternas,
Sepultando o ideal das crenças adoraveis
Na funerea mudez de vasias cavernas.

O soffrimento é lei que domina o Universo;
Ninguem logra fugir a suas vergastadas.
São lamentos de angustia as rimas soluçadas
Que clamam pelo olhar dos constellados versos.

Alma, volve ao silencio! O silencio consola
Vive na tua dor, como se um mundo fora.
Não procures saber a estrella que acryzola
Essa alma de mulher que se chamou Leonora!

Não, não tentes saber,—que essa alma peregrina
A' esphera não pertence em que, verme, rastejas:
Foi visão que passou nas noites bemfazejas
Que o ceo tem, quando o ceo de illusões se illumina.

Versos a uma peregrina

A Noemia:

Tu vaes partir: adeos! Mas, na amplidão dos mares
Ha de seguir-te sempre infinita saudade;
Orphan de meo carinho e de minha amizade,
Nem terás alegria ao penetrar teos lares.

Quando a aurora dourar o arminho de teo leito,
Rindo, numa illusão dos dias de estudante,
Correrás, pressurosa, á lavorada estante
Os livros procurando... As aulas!.. Em teo peito

O ductil coração soluçará desperto....
Que saudade sem fim! que sombrio deserto!
Tão longe o horto de luz que tua scisma attinge!

Minha Irman, minha Irman, (ó Sócrates divino!)
Se voltasses!... Roreja o pranto crystallino,
E osculas tristemente a merencorea Esphyngé.

Retiro Saudoso, -12-Nov.-1909

Lyra de neve

Lyra, tu ja não tens vagos dedilamentos
De psalterios de amor, de harmonias suaves.
As estrellas do ceo tem funebres lamentos
Quando osculam do claustro as denegridas naves.

O infortunio extinguiu a piedosa flamma
Que era de minha vida a unica mercê.
Para que serve o amor, quando ninguem nos ama?
Para que serve o ceo, quando mais se não crê?

Envolve-me a existencia o sudario do tedio,
Entra-me o coração o Styge feito aroma...
Porque ainda entoar um barbaro epicedio,
Se a dor é sempre a dor, e á magoa se não doma?

A lyra encarcerei no ergastulo da morte,
Arrojei o porvir de uma torre bem alta.
Porque ainda lembrar essa extranha consorte
Que foi sempre a visão de succuba ephialta?

Amortalha-te, ó lyra!... A alva das violetas
E' clamyde subtil, finissima e nitente...
Eo irei sepultar no seio dos planetas
Todas as pulsações desta paixão latente.

Essa, que habita a Terra, e vejo, e adoro, e quero,
Não vive para mim, que para mim morreo....
O poeta que amou, por mais crente e sincero,
Quando perde a esperança, o coração perdeo.

Firmamentos azues, antros mysteriosos,
Onde sinto subir a minha alma tão leve,
Para que serve o amor, quando o amor não traz gosos
E a lyra do poeta é uma lyra de neve?

Astros da solidão, frias neves do polo,
Mortos, eo vos invejo a vossa indiferença!
Porque hei de trazer sempre esta ephialta ao collo,
A ephialta feral da magoa e da descrença?

Coritiba,-1-Maio-1894

Eden

Para alem do Destino e para alem da Morte,
Na fimbria azul, na concha azul de lotus ideal.
E a flor a fluctuar, sem bussola e sem norte,
Na volupia sem fim de nossa alma immortal.

Alma irman, nesse olhar,—excelsa maravilha
De santuario de Flora,—o viço, a primavera...
E a surpresa de achar no oceano uma ilha,
Como um seio a surgir de entre a espuma: *Cythera*.

O paraizo emfim, a eternidade, o mytho
Da Belleza, vencida ao encanto da Serpente;
O requinte no amor, sob o ceo infinito...

O requinte de um beijo em tua bocca! a trova
De um beijo a clarinar no templo... O' Lua Nova,
O' chimera de amar insaciavelmente!

Retiro Saudoso,-27-Maio-1906.

Anoitecer

Azas de prata de meo sonho!...
Velas de prata da saudade!...
A que regiões, Alma do Sonho,
Levaes a minha soledade?
Nos meos baixeis, Alma do Sonho,
Chora a maruja da Saudade.

As naos aproam para o Occaso...
O occaso é a Paz: luz diluida...
Porque me levas para o Occaso,
Alma de toda minha vida?
Sonho!... Esperança!... luz do Occaso,
Luz da saudade diluida.

O Outono é o crepe do Mysterio,
Nevoa dos sonhos evolados,
Sino de triste eremiterio
Carpindo invernos e finados.

As naos fluctuam no Infinito...
Frota do Sonho e da Saudade,
A que sepulchros do Infinito
Levaes a minha soledade?
Porque fluctuas no Infinito,
Frota do Sonho e da Saudade?

A noite envolve minha frota...
Noite: sudario da Esperança!
Sudario amigo!... Amiga frota!...
Mares da Morte e da Bonança!...
Meos sonhos mortos: minha frota:
O cinerario da Esperança.

O Outono vem. Minha alma exangue,
Tu es a flor do Esoterismo.
O' Terra, ó Carne, ó flor de sangue,
Eu vou dormir, flores do Abysmo!

Azas de prata de meo sonho,
Vibrae meos sonhos de saudade!
Velas de prata de meo sonho,
Vós sois as naves da saudade.
Vós sois o occaso, Alma do Sonho,
Noiva de minha soledade.

Para o Mysterio a frota avança...
Fulge uma aurora alem abysmo.
Frotas de opala! as naos aproam
A's regiões do Esoterismo...
Lyras de prata! almas entoam
Hymnos de luz alem abysmo.

Tu es o Lyrrio da Esperança,
O' Flor azul do Esoterismo!

O Outono é o crepe do Mysterio...
Astral do Inverno, ó Primavera!
Sinos do triste eremiterio,
Vós sois as azas da Chimera.

Coritiba, Maio 1900.

Abyssus abyssum invocat

A António Bragança

Sonhar! Queres sonhar? Que vale o sonho, poeta?
Que vale o esquecimento ephemero da vida?
Cedo ou tarde irás dar á negra linha recta
Do tramite fatal da ingenua fé perdida.

Sempre que novo amor povoar-te a lembrança,
Uma nova illusão cantar-te-ha na lyra....
Mas, o goso é fugaz, como é falsa a esperança...
E a paixão da mulher tambem murchece e expira.

De todas as visões, — sejas Dante ou Ticiano, —
So uma ha de seguir-te immaculada e franca,
Como surge no azul purissimo do oceano
A aza branca de um barco ou de uma garça branca;

So uma ha de seguir-te immaculada e terna:
A candida visão de teu amor primeiro:
E' que a primeira crença é sempre sempiterna
E o primeiro carinho é sempre verdadeiro.

Não te quiz arrancar a alvissima dalmatica....
Compreendi tua dor.... epiloguei-te a scena....
Ama, sonha, idealiza!... A vida é problematica...
Porque a magoa ha de ter as azas da phalena?

Ama, sonha, idealiza... A juventude é louca...
Mas, não vas resvalar sobre a lousa da morta!
Doe mais a ingratidão bebida numa bocca,
Que o pezar que nos segue e que nos bate á porta.

Não ha beijo de amor, por mais voluptuoso,
Que não tenha o resaibo e a sombra da ephialta.
Para que serve o ceo, para que serve o goso,
Se o goso tyranniza e o ceo sempre nos falta?

O dia de amanha, por mais louro e garrido,
Gera á noite o luar da ultima saudade.
E nem sempre o ancião é quem mais tem vivido:
Ha muito inverno, ó poeta, em plena mocidade!

Por muito que te vas pela existencia fora,
Guisoreando ao sol da tua juventude,
Has de soffrer, alfim, — apoz ultima aurora, —
O amplexo glacial das taboas do ataude.

Antes vestir do monge o negro-sambenito...
A bondade é o manná da bemaventurança....
Feliz quem nunca leo o distico maldito,
Quem não provou o amor nuns labios de creança!

Ves: o Inferno do Dante é muito mais sereno
Que o crime de Manfredo e a duvida do Hamleto;
Antes beber, porem, lethifero veneno
Em craneo de mulher, glabro, sordido, preto,

Que sorver a paixão numa bocca risonha!...
Pois o riso, poeta, é veneno terrivel:
Fulmina muito mais do que qualquer peçonha,
Sem que termine a dor, sem que esmague o impossivel.

Revolve o extranho po do velho cinerario!...
Que encontras tu ahi?... Ahi, que te conforta?
Escorralhos senis de antigo santuario,
O vestigio, talvez, de uma esperança morta.

O silencio do poeta é o melhor dos sarcasmos...
Que a mulher que o ferio, não saiba que o venceo:
Fite embora nos ceos os grandes olhos pasmos,
Perguntando á amplidão se o poeta a esqueceo.

Coritiba, Maio 1894.

Alem

Alfim ! Vaes repouzar, corpo meo tão franzino,
Escudo, roto ja, pelos gladios da Sorte;
A decomposição completa e teu destino,
As atrações do Alem levam-me alem da morte.

Para o Azul, para o Azul!... Vou perlustrar espaços,
Alma, — de sol em sol, — philtro que o corpo encerra.
Melhor fora, talvez, a noite de teos braços,
Meo amor, bem melhor ! nos presidios da Terra.

Exilios ! De tua alma a minha alma se auzenta.
Soluças ! Nosso adeos é agonia lenta,
A Chimera a morrer nos braços de um titan....

Ficas em teu solar, sigo para o Mysterio....
Quando seremos — Lá ! — no infinito sidereo,
Almas nupciaes na radiosa manhan ?

Retiro Saudoso, 7 Fev. 1905.

Retiro Saudoso

Vive na minha saudade
O meo Retiro Saudoso,
Como a ruina de um pouso,
Perdido na soledade.

As campinas circumdantes
Floresciam sempre-vivas,
Azas de ouro esvoaçantes
Das Horas evocativas.

Na penumbra erma e dolente
O Bosque dos Pythagoricos,
Tinha aspectos allegoricos,
A' hora do sol poente.

Seguia no azul de lenda
O voo dos passarinhos;
Era meo lar uma tenda
Entre os tojaes dos caminhos.

Tenda simplice e modesta,
Com seos confortos velados,
Tendo cantores alados
Nos cantores da floresta.

Tenda de sonho e de affecto,
Muita lagrima seccou;
Foi santuario discreto
Que o Destino arrebatou.

Como a ruina de um pouso;
Perdida na soledade,
Vive na minha saudade
O meo Retiro Saudoso.

LYSIS comigo inquiria
Os arcanos do Universo,
Interpretando a harmonia
Dos evangelhos do Verso.

Era o *Simples* de Junqueiro,
Na magia encantadora,
Linda rosa evocadora
Entre as urzes de um mosteiro.

Na alfombra, suavemente,
Andavam Buddha e Jesus,
Duas azas do Oriente,
Filigranadas de LUZ.

Jovialmente, as creanças
Folgavam. . . Ditosos dias !
Hoje, lentas agonias
Vão ceifando as esperanças.

Quiz ser bom, deixei meo horto,
Cavalleiro da Bondade. .
Regresso, mas, semi-morto
De ingratidões, de saudade.

Amigos que inda possuo,
Pensam levar-me a bom porto,
Pharoes de grato conforto
Nos mares em que fluctuo.

Em mim concentram a vida
Meos filhos e irmãos e esposa ;
Mas, a minha alma ferida
Busca o abrigo de uma lousa.

A formosa virgem casta
Que á minha alma acryzolou,
Minha Irman, — toda se engasta
Na amizade que deixou.

Vive na minha saudade
O meo Retiro Saudoso,
Como a ruina de um pouso,
Perdido na soledade.

Coritiba, 28 Dez, 1914.



Recordação

A Tito Vellozo

Sempre que desço á lura algida e branca
De minha alegre infancia descuidosa,
Abre por sobre mim a alma saudosa
O luar da tristura;
A abantesma da magoa aponta o trilho
Do funerario abrigo merencoreo;
E sigo, triste e so, sob o zimborio
Da illimitada altura.

A chorea das lagrimas sentidas
Acompanha o cortejo de finados,
Soluçam corações dilacerados
Interrogando os ceos;
Entre as sarças da morte o goivo medra,
Sombrio menestrel das catacumbas;
Envolve paz soturna as niveas tumbas,
Sem chufas, nem labeos.

O' minha Mãe, ó nobre creatura,
Alma de uma alma caridosa e amiga,
Que filho pode haver que não bemdiga
O maternal carinho?
Que filho pode haver que amaldiçoe
Reminiscencias de passado morto,
Se a propria sombra serve de conforto
Ao passaro sem ninho?

Deixa que eo rasgue a clamyde do verso,
Deixa que cumpra minha romaria,
E va beijar a lousa branca e fria
De teo sepulchro amado!
Os tumulos tambem são santuarios,
O cadaver das mães é sempre santo;
Deixa que, sobre o marmore, meo pranto
Enalteça o passado!

Quando partiste, lembras-te? choravam
Osculando-te as mãos, a face, o rosto,
Infelizes, zurzidos de desgosto
Pungentissimo e forte;
Para a familia tudo terminava:
Para os filhos findava o encanto e a graça;
O lar do esposo... tenda que esvoaça
No pampeiro da morte!

Desde então, os salgueiros do infortunio
Crepizam fatalmente nossas noites;
Batem-nos sempre rispídos açoites
De audazes impossiveis:
Impossivel de ter-te a nosso lado,
De te sentirmos sempre venturosa,
De te juncarmos de bonina e rosa
Os dias apraziveis.

Não te olvidámos, nem te olvidaremos.
Comnosco andarás sempre esta saudade
Que reconforta a immacula amizade
E que nos approxima,
Comnosco andarás sempre esta tristeza
Que mais augmenta, quanto mais perdura,
E subirá da Terra á excelsa altura
No ergastulo da rima.

Da-nos a uncção de teo osculo puro,
Intercede por nós, Mãe carinhosa!
Baixa dos ceos á noite lutuosa
Do funebre jazigo!
Vem receber-nos nos humbraes da morte,
Reza comnosco o psalmo da esperanza,
Aponta-nos a plaga amena e mansa,
E leva-nos contigo!

Coritiba, 17 Set. 1894.

No adito da morte

Ao Tito

Vão-se da vida as illusões mais puras,
Vão-se do Sonho as ideaes celagens;
Saudades ficam, luridas miragens,
Sombras da morte á flor das sepulturas...

Responde o pranto ao pranto... O tempo esgarça
Fibras da alma que foram nosso riso...
E so ruinas pelo paraizo!
Folhas de rosa de grinalda esparsa...

Meo Pae, meo Pae, que desolada a Terra
Des que te enregelou da morte o frio,
Frias as mãos que eo tanta vez beijara!

Morro! — que é morte este viver sombrio...
A dor suprema que minha alma encerra,
So na tua alma lenitivo achara.

II

Possa a tua alma, tão bondosa e terna,
Na paz do Alem dormir serenamente;
Bem o merece quem tão dignamente
Traçou da vida a directriz superna.

Cofre — o teu coração; e recolhias
De alheios infortunios triste magoa;
Os olhos tinhas sempre rasos de agoa,
Que pelos outros, — não por ti, — soffrias.

O' minha Mãe, la do existir da morte
Acolhe nos teos braços o consorte
Que de teos filhos foi o Grande Amigo!

Amparo e guia, a nos suster os passos...
Na Terra havemos de seguir-lhe os traços,
Inspirações pedindo a seo jazigo.

Coritiba, 25 Março 1908.

Solao

Eo sou o pagem de Dona Morte,
Loura de olhos monacaes;
Eo rezo psalmos a Dona Morte,
Sou o choral das cathedraes;
Nos meos idyllios flavesce a morte,
A morte — o vinho das bacchanaes.

Volvei os olhos de esperança
A um cavalleiro Roza-Cruz;
Os vossos olhos de esperança
São lyras de ouro, alvas de luz;
São pulvinarios de esperança,
Valkiria astral da Roza-Cruz.

No cinerario de meos sonhos
Arderam Sylphos e Chimeras;
Em que sepulchro andam meos sonhos,
O' peregrinos de outras éras?
Noiva, — sepulchro de meos sonhos,
Chrysoberil das primaveras!

Eo sou o pagem de Dona Morte,
Entrei castellos e solares;
Seguindo os passos de Dona Morte
Subi a torres de sete andares.
Os belvederes de Dona Morte
Andam suspensos de meos olhares.

Andam suspensos de minha bocca
Os nove arcanos da Alchimia;
Nos sitiaes de minha bocca
Rezaram monjas noite e dia;
Jamais oscules a minha bocca,
Estrella da Alva da Nostalgia!

Deixa que mortos enterrem mortos,
Loura de olhos monacaes;
A morte embala meos sonhos mortos,
Nas absides das cathedraes;
A morte é a noiva dos sonhos mortos,
A morte é o cirio das bacchanaes.

Deixa que mortos enterrem mortos,
Loura de olhos monacaes!

Coritiba, Ag. 1898.

Cruz de chammas

Rompi eo mesmo o lotus de esperança
Que teo olhar trouxera a meo deserto,
Lotus de amor e de meiguice, aberto
Nos sitiaes de labios de creança.

Eo mesmo abri sepulchros de saudade
Para teos risos, para teos carinhos ;
E de teos olhos de felicidade
Fiz cilicios de goivos e de espinhos.

Hoje, viuvo de teos olhos castos,
Perlustro os ceos da morte, ermos e vastos,
Maldito e so !.... A larva de um tormento

Roe-me as entranhas, roe-me o peito e a bocca....
E aos hombros levo, alma sombria e louca,
A cruz em chammas de meo desalento.

Coritiba, 30 Dez. 1896.

Magia do som

Tens nos topazios desse alampadario,
Venus, a imagem de Eurydice morta ;
Lyra de Orpheo, carmes de Orpheo, sacrario
Do amor, — Saudade! — luz astral que exhorta

À vida, ao Sonho, — Alem ! — o alvo sudario
Rompei !... Vibrae, lyras do Either vago !...
— «Noiva ! Eurydice !... Noiva ! Noiva !... o lago
«Da morte é pavoroso sepulchrario....

«Volve, Eurydice; volve !... A alma de Apollo
«Fulgura nos myrtaes de ouro e esmeralda
«Do sonho !... E freme o coração de Eolo.

«Noiva !... Eurydice !... Noiva !... Esta grinalda
«Cinge !... Resurge, Noiva !...»
— «Orpheo !...» suspira.
Orpheo vibrava a incomparavel lyra.

Coritiba, 11 Maio 1900

Sob cyprestes

Hoje que a magoa, roxo cinerario,
Recolhe os manes de meos tristes cantos,
E brancos lyrios de ideaes encantos
São contas negras de feral rosario;

Hoje que longo e lugubre sudario
O esquife cobre de funereos prantos,
E affectos castos e desejos santos
Sobem da morte o rispido calvario;

Que importa o espectro de porvir desfeito?
Que importa a neve que o luar destilla
Sobre as effigies que gravei no peito?

Dormem! Não mais o fino olhar scintilla...
Noivas, na treva do caixão estreito,
Noivas mortas, nos thalamos de argila.

Coritiba, 12 Ag. 1896.

No reino das sombras

A Herminia Schulman

Plenilunio. O luar molha as columnas doricadas...
Junto ao pronaos medito, evocando o teu rosto.
Que saudade de ti, dessa tarde de Agosto,
De tintas outonaes e visões allegoricas!

Saudade!... O coração lembra edades historicas..
Na Atlantida eras tu pythoniza.... Ao sol posto,
Dizias da alma irman os arcanos... Teo rosto
Banhava-se na luz das estrellas symbolicas....

Tantas vezes perdida! Immerso em luz ou treva,
De vida em vida, á flor do ceo, te procurava,
Na dor da solidão... E, quando a lua eleva

A lampada votiva, eo te procuro ainda,
— Alma branca, alma irman, alma em flor, alma slava,—
Na poeira de soes da solitude infinda.

Templo das Muzas, 3 Nov. 1928.

Pthysica

Suppões extincta a lyrial chimera...
E te deixas morrer, saudosa e triste,
Como um goivo ao luar... Ae! nem resistes,
— Doce espectro de morta primavera, —

Teo dulçuroso coração de esposa!...
Ae! nem resistes ao merencoreo exílio
Aquelle rubro e festival idyllio,
Hoje epitaphio de sombria lousa!...

Ae! nem resistes a crença ardente e pura!...
Crepes de pranto velam-te o semblante,
E tens no coração a sepultura.

Emtanto, eo vivo de te haver amado,
Vivo da luz de teu olhar distante,
Astro de amor dos ceos de meu passado.

Coritiba, 7 Nov. 1896.

Extremos

Sem ti, a solidão é sombria e profunda,
Noite sem luz no ceo, numa plaga deserta,
Naufragio da existencia aos vendavaes aberta,
Quando ruge a tormenta e a treva o mar inunda.

Contigo, a solidão um jardim, rosa e trevos,
A surdina de um beijo em corollas douradas,
A muzica do ceo na luz das alvoradas,
Um rimance de amor e mysticos enlevos.

Refiro Saudoso, 9 Fev. 1929

Flor de lotus

A Sonia Harcover

Que vale esse esplendor de ameixieiras floridas,
Crysanthemos reaes e sedas, e opulencia,
Se a tua alma se esvae, linda flor de innocencia,
Sem amor que te aqueça o amor?... Horas perdidas

Scismas... E nada vence as sombras esquecidas
Que ficaram pairando em teu passado... A essencia
De teu amor perfuma esse abysmo, a indigencia
Do nobre coração, tão rico!... As nossas vidas

Fundem-se na expressão de teos olhos de idyllio,
Na dor que é tua e minha,—a dor de nosso exilio,
De renuncia, bondade, e silencio, e brandura.

Guardas no seio em flor a vida soberana.
Flor de lotus, venceste ; a tua essencia pura
Fluctuará no azul, na extensão do Nirvana.

II

Eo tambem conheci alguém, moça e formosa,
De perenne bondade e meiguices divinas;
Ao bom, ao mau, á fera estendia as mãos finas,
Mãos de seda, de luz, de essencia vaporosa.

Era a Muza do Ceo, de voz deliciosa,
Cantando num vergel de lyrios e boninas.
Amou ; foi infeliz. As graças peregrinas
Fanaram-se na dor, na angustia a voz maviosa.

Mas, da bondade innata a tortura medonha
Não lhe poudesseccar a fonte de virtude ;
Soffreo martyrio e dor, e maos tratos ignotos.

Envolve-a, em sua angustia, a loura coma... E sonha.
Sonha!... (Como foi ma aquella fera rude!)
Chora, cala... sorri... perdoa: é *Flor de Lotus*.

Rio. Sta. Thereza, 20 Abril 1924.

Exilio

A uma Irman Espiritual

Desde que Outono amortiou meos dias
Nas hypogeeas da esperança morta,
E a soledade mystica,—absorta
Levou minha alma a regiões sombrias;

Suppuz, as serpes da existencia fatua,
Ao triste monge que volvia á vida,
Não sifflariam illusão perdida,
O fino paros de uma antiga estatua.

Mas, a Calumnia rugitou na treva!
E eo que subia para um sonho pulchro
No magnetismo desse olhar que enleva;

Regresso,—não á ermida,—ao cemiterio
Celere passa a noite do sepulchro:
Aguardo-te nos solios do Mysterio.

Coritiba, 28 de Dez. de 1900.

Ideal desfeito

Tens a tristeza mystice da Sombra
E lemures dolencias de psalterio,
Rosa e Cruz da Saudade e do Mysterio,
Heliotropio da morrente alfombra.

Nivea e casta,—o sudario de teos cilios
Vela os olhos de veos esmeraldinos;
Recorda a tua voz preces e idyllios,
Vagas surdinas, brumas e destinos.

Para adorar-te, ó Muza, era preciso
Brilhasse o azul dos ceos em minhas trevas
E nas minhas manhans um paraizo.

Nem pode o monge contemplar-te, ó pura!
Possa a minha alma ouvir-te, Astro, que elevas
A harpa do Sonho na longinqua Altura.

Coritiba, 27 Out. 1900.

Flor do abysmo

A Emiliano Pernetta

Meia-noite. O sino tange.
Tanger de sinos... —O' sineiro!
No azul rebrilha o curvo alfange,
Segando estrellas o ceifeiro.

Meia-noite. A Lua brilha...
A Lua brilha e o sino soa...
Ninguém o tange... (O' maravilha!)
Ninguém o tange; e o sino soa!

Meia-noite. A torre geme...
Demonios rugem nos portaes...
Vampiros!... Morte!... O vento geme...,
Os sinos dobram... Lua freme,
Almas das mortas cathedraes....

Ae! Meia-noite!... Uivos!... Gemidos!...
Ranger de ossadas nos sepulchros...
Vampiros surgem dos sepulchros...
Lampadas brilham nos sepulchros...

Misericordia dos vencidos!

Emtanto, reza a voz dos mortos:
—“Salve, Regina piedosa!
Vós sois, ó Luz Mysterosa,
Phanal dos mortos”.

Salve, Regina! O' Mãe! ó Santa,
Fulge em minha alma o teu olhar!
Salve, Regina!
O' Mãe! ó Santa,
Ensina-me a rezar!

Nauta, eo me vou triste e perdido
No alto mar...
O' minha Mãe, que o meu gemido
Suba aos Ceos na aza branca do Luar!

II

E os sinos tanger: MEIA-NOITE!
Recurvo alfange das Alturas,
Tu es o signo da meia-noite,
Frio phanal das sepulturas.

Meia-noite. A torre implora...
Torre dos mortos ideaes!
A morte é o signo de uma aurora,
Maravilhosas cathedraes.

Sons de organ... O organ invoca... O organ entoa...
Eleonora! Eleonora!
A voz do organ invoca, entoa....
Arcadas longas se illuminam...
Os sinos sinam:
Eleonora!

O' cathedral vetusta e amiga,
O' cathedral!
Torre do Sonho! O' torre antiga,
O' torre de crystal!

Desses vitraes multicolores,
Extranhas orbitas de luz,
Satan espia a Virgem das Dores
E as cinco chagas de Jesus.

III

Estalam crepes e sudarios,
Ossadas chofram-se, partindo...
E á luz dos frouxos lampadarios
Satan os solios vae subindo

Do altar-mor. A missa negra
Começa... (O' foice do luar!)
Ceifa minha alma, ó segadeira,
Sega-a, com foice de segar!)

Emtanto a Lua,
Indifferente,
Filtrava os philtros da Illusão,
Terrível, perfida serpente
Que fascinasse um coração!...

Ruge o sabbat... Bruxas e gnomos
Formam ronda de esqueletos...
A Lua brilha... O' flor dos gnomos,
Astro de extranhos amuletos!...

Estalam beijos... A luxuria
Acende rubidos anhelos...
E roda a ronda, e freme a furia
Das Messalinas e dos Othelos...

IV

Emtanto reza a voz dos mortos:
—“Salve, Regina piedosa!
Vós sois, ó Luz mysteriosa,
Phanal dos mortos!

“Salve, Regina immaculada!
Salve, Senhora dos afflictos!
Vós sois a Estrella da Alvorada,
Mãe dos proscriptos!”

Salve, Regina!... O' Mãe, ó santa,
Fulge em minha alma o teo olhar!
O' minha Mãe, ó minha Santa,
Estou de joelhos, a rezar!

Que o meo gemido, ó Mãe, ó Santa,
Suba aos ceos na aza branca do Luar.

O' sonhado castello!
Amor! Carmes de amor! philtros de amor! Loucura!
Almas do Septestrello!
Alchimistas do Sonho e da Ternura,

Alchimistas da Morte!... O cemiterio
E' cinerario do luar...
A Lua é fria... O' presbyterio,
O' Lua, ó lapide polar!

O' meo Irmão, o luar é coveiro
Que leva o Sonho a sepultar...

O luar é sineiro...
(O' sinos do luar!)
O luar é ceifeiro...
—Boa noite, luar!

Coritiba, 20 Maio 1900

Spagyria

Outono seios de astros acende. A nuança
O langor suaviza aos poentes de opala.
A floresta lendaria a nostalgia exhala
Da Sombra... E a Noite, a Treva, entre phanaes, avança...

Estrellas,—velho azul, firmamento do Ganges,—
Chrysopeicas se veem, luciolando, a sorrir!
Doz versos de Valmiki as vibrantes phalanges
Passam, florindo o sol das lanças,—para Ophir!

Idyllios ao luar dos juncos... Roxa estriga
Dos sonhos mortos flue... A illuminura antiga
Dilue-se... Uma tristeza infinita me invade.

Horas de magoa. Alem, no Oriente, a Luz surge;
A floresta, pore, recolhe as sombras... Turge
No athanor da Esperança a Phenix da Saudade.

Retiro Saudoso, 30 Março 1905.

Renascença

Salamandras, mais luz! Esthetas da Nuança,
Fulgie, vibrae os sons profundos, as gammas
Ascendentes! Que o Sol seja palheta em flammas,
Vida fluida a correr nos vergeis da Esperança!

A vida é luz, é riso alacre, é sol de estio...
A sombra, van chimera: uma inversão cruel...
Videntes do Amanhan, Esthetas, sentis frio,
Longe, longe do AMOR, ó torres de Babel!

Fitaes a Morte, e attrahis a Morte sobre a Terra;
A luz attrae a luz: riso de Flora e Pan....
Não florescem na noite os lyrios que a alma encerra.

Esthetas, renascei em canticos e preces!
Ceres, semearás o ouro de tuas messes,
Venus, no ceo azul da Hellade pagan!

Coritiba, 2 Jan. 1904.

Cruz e Souza

Passa no Azul, cantando, uma trireme de ouro...
Velas pandas... No Azul... Que levita inspirado
Reza o eburneo *Missal*, de requinte ignorado,
Entre astros monacaes e yataghans de mouro ?..

Rutilam brocateis de purpura e de prata.,
Fulgem *Broqueis*, á popa... A trireme estremece...
Isis ! — quem te acompanha a extranha serenata
E para o Alem da Morte entre os teos braços desce ?

A Morte é a eternidade; é poente de outono...
Mago ! — tu vaes dormir o glorioso somno
Entre *Broqueis* de onix e yataghans de mouro.,

Vaes dormir!... Vaes sonhar!... (Nobre e celeste oblata!)
Segue no Azul, cantando, uma trireme de ouro....
Rutilam brocateis de purpura e de prata.

Coritiba, 31 Março 1888,

Paz

Na penumbra do riso... O dia e a noite.. O praso...
E o sol, purpura e ouro, o ceo azul percorre..
Piedade do Deos que no occidente morre,
Piedade da Luz que se apaga no occaso !

Ampulheta da vida, um momento de atraso
Não tens, que o po feral, rubro ou negro, discorre.
E cae o po, e o sonho passa, e a vida corre,
Ceifeira da Illusão em campo estreito e raso.

Omega ! O' Luz-astral na ultima agonia!
Ante o supremo FIM das curvas e das formas,
Alma, que vale o Orgulho, a Gloria, a Dor sombria ?

Ama ! embora te aperte um cilicio de espinhos..
Pensa ! que o Tempo guarda a Essencia, o Amor, as Normas...
E a Idea leva á Paz, e a Paz floresce os ninhos.

Retiro Saudoso, 11 Jan. 1906,

Buddha

O egoísmo feroz, a violencia, o crime,
A ancia de vencer, de ruir, de matar,
Ameigaste, a sorrir, com tua voz sublime
E tuas niveas mãos de encanto e de luar.

Abençoado o AMOR, divinizada a Planta,
Alcandorado o Ser na Aza da Consciencia,
Teve a Injuria perdão, um osculo a Demencia...
—O' Buddha, meo Irmão, que piedade, e quanta!

Esposa, filho, pae, teos palacios, o fausto,
Tudo que nos seduz, que é o nosso thezouro,
Tudo deixaste.. num adeos, num holocausto;

E te foste, bem so, na alma a roxa saudade,
Meditando, colher a flor de sonho e de ouro:
—O Lotus ideal da SUPREMA BONDADÉ.

Retiro Saudoso, 13 de Jan. 1906.

Jesus

No album de Gonzaga Duque

Jesus, a Piedade, o *Logos* planetario,
Alma que se fez po, humildade e carinho,
Eo não sei que te queiram: dor, cruz do Caminho,
CHRISTO que eras, na alma a alma de estradivario.

Funereo e triste, e triste e mortuario,
Quando foste o Graal de generoso vinho,
Essenio que traçaste a tunica de linho,
Casto no teo amor, niveo no teo sudario.

VERBO, levam-te morto, azas de luto, o chumbo
Do sepulchro a pezar sobre teos olhos garços,
Tu, o trigo da PAZ, Flor do Cedron, Nelumbo!

Não, Sol dos Aryas! LUZ! De teos olhos emane
O AMOR, travez dos ceos, pelos astros esparsos,
MESTRE, que leva ás mãos o fio de Ariane!

Coritiba, 9 Jan. 1904.

Solar antigo

Era uma torre de berylo,
De altas ameias de crystal...
Torre do Sonho... O' flor do Nilo!
O' flor da torre de berylo!
Isis,— nymphaea do Ideal!

O' Cavalleiro da Esperança,
E' de ouro puro o teu corcel!...
Onde ficou a tua lança?
(Ae! Sol no ocaseo!) A tua lança
Não vence a torre de Babel.

Um dia á torre de berylo
Chega fermosa castellan...
Dona de olhar triste e tranquilo,
Em minha torre de berylo
Habita a Estrella da Manhan.

O' Cavalleiro do Oriente,
Que longas vestes Ella tem
A sua clamyde fulgente
E' como a luz do sol poente
Sobre o presepe de Bethlem.

Ó sonho! ó torre de berylo,
De altas ameias de crystal!
Torre do AMOR!... O' flor de Milo,
O' flor da torre de berylo,
Venus,— gardenia do Ideal!

O' Cavalleiro marroquino,
De lança de ouro e alvo albornoz,
E' teu perfil nervoso e fino
Tu es o genio do Destino
Em teu corcel negro e veloz.

A Dama habita a minha torre,
Suzere, rege o meu solar;
Quando ELLA sobe á minha torre,
Meu coração,— a minha torre,—
E' belvedere de luar.

O' Cavalleiro da Tristeza,
Volve de redea a Bagdah!
O Sonho é a luz da Natureza...
Mas, no solar de Sua Alteza
Floresce o liz de Josaphat.

Em minha torre de berylo,
Torre do Sonho e do Ideal,
Ja não fulgura a flor de Milo;
Apenas brilha o olhar tranquilo
De Sua Alteza lyrial.

O' Cavalleiro da Saudade,
Essa que habita o meu solar,
Tem nos seus olhos de saudade
Deus longos ciros de saudade,
Deus longos lyrios de luar.

Floreia a lança, ó Marroquino!
Rende homenagem á Castellan!
E' seu perfil vibrante e fino.
Tu es o genio do Destino
Nos solios de ouro do Amanhan!

Avante! Avante, ó Cavalleiro!
E' de ouro puro o teu corcel!
Percorre e vence o mundo inteiro,
E traz á Dama, ó Cavalleiro,
Rendido o mundo a teu broquel!

OFFERTORIO :

*Senhora e nobre flor de Milo,
Alpha do Amor e do Ideal,
O vosso olhar brilha tranquilo
Em minha torre de berylo
Como um velario de crystal.*

*Salve, Regina piedosa,
Formosa e nobre Castellan!
Salve, Regina gloriosa!
Vós sois a Luz mysteriosa
Dos solios de ouro do Amanhan.*

Coritiba, 26 Nov. 1898.

Alma Hebraica

A «J. PERETZ»

I

Quem te ouve e te sente, e o sentimento
Que te aquece e te exalta, comprehende!
Quem segue os voos de teu pensamento,
Na hora de fogo em que a paixão acende

II

Todo um ceo de esperanças recamado,
Todo um mar de victorias rutilantes ;
Quem evoca o fulgor de teu passado,
De teu presente as horas palpitantes ;

III

Quem soffre o teu soffrer ; quem sabe a historia
De teu peregrinar ; quem sabe o affecto
De teu sentir ; a exaltação, a gloria
De tua fe e o teu amor discreto :

IV

Ama-te, ó alma hebraica, alma inquieta,
Toda prece e paixão, grata e sincera,
Lyra de reis, alfombra de poeta,
Alma de luz na luz da primavera.

V

Nos olhos garços da mulher hebreia
Ha ceos de nostalgia e de belleza,
Resignações, anceios, a Judea
Em zaimphes de amor e de tristeza.

VI

Chora : — de Siloé suspira a fonte ;
Sorri : — sorriem do Cedron as rosas ;
Canta : — rutila o ceo, fulgura o monte,
No estellario das notas maviosas.

VII

Conhecem da amizade, a paz, o enlevo,
Intimo o lar no culto da creança ;
Fortes e bons, a vida num relevo
De trabalho, de crença, de esperança.

VIII

Em seo convivio reffloresce o alento
Que a ternura dos bons ama e cultiva ;
Lagõ sereno — para o pensamento,
Para meo coração — tenda festiva.

IX

Da juventude, vigorosa e ufana,
Radia a mente ; o coração : bondade ;
Na alma a visão da patria soberana
— Patria espiritual na Humanidade.

X

Judea, — dos silencios de meo horto
Vejo immensa a extensão de teos destinos,
Terra de vida, em plagas do Mar Morto,
Verbo de luz a voz de teos Rabbinos.

XI

— Jerusalem !... Na evocativa ardente,
Chama-te o meo amor... Não clama em vão !
E ouço pulsar um coração fremente,
Um grande, um forte e altivo coração.

XII

Pergunto ao ceo, á terra, ao mar profundo :
— Quem o possue, ó ceos ? !... E o ceo : — «Ninguem !
«Ouves pulsar o coração do mundo,
«O coração de Deos : — JERUSALEM !»

XIII

Ouçõ bater o seio da Judea,
Ouço do Eterno o coração pulsar...
Mysterio da alma da mulher hebreia :
Possue do Eterno o coração no olhar.

XIV

Alma hebraica, — dos homens ignorada, —
Alma religiosa e peregrina,
Immerge, immerge em tua luz dourada !...
Esparge, esparge a tua luz divina !...

Templo das Muzas, 6 Janeiro 1929.

Serenidade

I

Muza,
Muza espiritual de meos poentes,
De meos poentes outonaes,
Poentes de ouro, e malva, e sandalo, e amethysta,
Silenciosos poentes,
Evocativos,
Ultimos poentes de minha vida a se extinguir. . . .
Poentes vagos, mysteriosos,
De finissimas gazes
Roseas, brancas, lilazes;
Poentes de azas subtis,
Azas de sylphides inviziveis,
Sombras diaphanas
Que passam intangiveis,
Incognitos duendes
De evoladas, perdidas esperanças. . . .
— Dize, ó Muza mystica dos poentes,
Muza que não me esquece,
Unica, unica Irman;
Dize, — não a caudal das lagrimas ardentes,
Os martyrios soffridos,
Sonhos e symbolos partidos,
O soluço final de minha prece,
Ingratidões que soffri;
Não a conquista
De laureis virentes,
Os exilios, a angustia, a solidão funerea,
Todo o bem que o destino arrebatou,
Os thezouros da alma, que perdi,
A dor que o *Anjo-Voluvel* semeou! . . .
Não recordes a muzica eleusina
De sua voz que me encantava;

Não recordes a hora vesperina,
Quando eo sonhava
Tendo seo rosto junto ao meo;
Não evoques a luz que dimanava
O seo olhar,
Limpido como a prata do luar;
Não evoques a rutila manhan,
Manhan primeira em que me appareceo;
Não na recordes quando a vi partir,
Não evoques o sonho que morreo! . . .
Leva-me, — alem dos astros mais visinhos
Da Via-Lactea que fulgura
Na limpidez das noites
Romanticas e acariciadoras, —
Por ignotos caminhos,
Em plena treva, á solidão mais pura,
A' infindavel noite,
A' solidão eterna,
A' morte! . . .
Leva-me á morte, á paz, ao silencio profundo,
Onde não silva o açoite
De serpentes
De olhos de engodo
E boccas seductoras,
Cohorte
De corações de lodo! . . .
Leva-me á paz da noite sempiterna! . . .
Quero perder-me no infinito,
Na negridão do espaço.
Alma de aço,
Maldito!

II

Muza do Alem,
Serenidade,
Vem!

Envolve tudo que me envolve e cinge!
Envolve aespnyge
De meo sombrio e lugubre destino,
A paizagem que cerca a minha ermida,
O murmurante veio crystalino
Que a sede desaltera,
Os meos ultimos crepusculos de vida,
Aultima primavera!

Serenidade,
Derrama-te em velludo
Por todos e por tudo!...
No flebil, timido gorgear dos ninhos,
Na encruzilhada dos maos caminhos,
No veneno das perfidias,
Nas mãos dos algozes,
No rancor dos maos;
Derrama-te por todos e por tudo,
Asserena as insidias,
Sintoniza as vozes,
Canta nos solaos;
Sê o arminho da amizade,
A rosa branca da felicidade!

Serenidade, Serenidade,
Foste a imagem,
O mais lindo perfil de meo enlevo;
Pellucia de minha scisma,
Avelludante matiz
De acariciadora amizade...
Quanta vez a alma em duvidas se abysma
E se abroquela,
E quanta vez bebi a lympha da esperança
Em teos olhos serenos!...
Quanta vez a procela
De odios e paixões,
Eivada de venenos,
Asserenou-se escutando os nossos corações!...

Tuas mãos de creança
Apagaram a cicatriz
De meo ferido amor;
Colheste em teo jardim a flor do trevo
Da felicidade,
A flor que dá fortuna, e o dissabor
Transforma em clara, vespéral miragem!

Colmo de minha ermida,
Linho de meo brial,
Serenidade — rosicler de vida,
Elegante palmeira imperial.

Serenidade, vem, nas nevoas do crepusculo,
Tranquila e silenciosa,
A' hora indecisa da tarde,
A' hora da saudade;
Muza de meo exilio,
De minha solitude,
Vem, Serenidade !...

A rosa

De minha prece
Em silencio se desfolha. ...

A lampada arde

No santuario minuscuro

Do coração exilado ;

Dize-me o teu idyllio,

Fala-me, na mansuetude

Do poente; fala-me do passado !...

Desce,

Molha

Tuas mãos em meo pranto !...

Muza de meo encanto,

Fala-me do passado !

Retiro Saudoso, 28 Março 1929.

FIM

INDICE

Ultima valsa	11
Prometheo	22
Dous esquifes	25
Soledade	26
Palingenesia	27
Drama ignoto	31
Sob a estola da morte	32
Confidencia	33
Campo santo	36
Semper	38
Ara extincta	39
Muza do silencio	40
Canção do peregrino	42
Alma de neve	44
Reminiscencias	45
Sob mao signo	46
Rosas da aldeia	47
Æternum Vale !	49
Horas tristes	50

II

Samaritana	54
Abysmos	55
Angustia suprema	58
Succubio	61
Solitude	62
Alpha e Omega	64
Na tenda de Israel	69
A minha Mãe	71
Arrabil selvagem	72
Phenix	74
Duas Coroas	78
Olhos fatidicos	79
Pena dupla	80
Extranho philtro	82
Lampada inextinguivel	83
Plenilunio negro	84
De profundis	86
Da larva á estrella	88
Auzencia	89
Lyra	90
Devakan	91
Ruinas	93
Poente	96
Paredra	97
Lilith	98
Rosa alchimica	101
Da alfombra do silencio	104
Cithara	110
Eterno thema	111
Crepes	112

III

Amor latente	113
Sol e neve	114
Calvario	115
Ao cahir das folhas	117
Ultima caricia	118
Flor de cactus	120
Esphynges	121
Cofre aberto	123
Dolencias	124
Esperança	125
Esquife	126
Neves	127
Ultima estrella	129
Psalterio funebre	131
Sombra	134
Angelus	136
Sombras	138
Flor de silencio	139
Alma viuva	141
Versos a uma peregrina	144
Lyra de neve	145
Eden	147
Anoitecer	148
Abyssus abyssum invocat	150
Alem	152
Retiro saudoso	153
Recordação	156
No adito da morte	158
Solao	160
Cruz de chammas	162

IV

Magia do som	163
Sob cyprestes	164
No reino das sombras	165
Pthysica	166
Extremos	167
Flor de lotus	168
Exilio	170
Ideal desfeito	171
Flor do abysmo	172
Spagyria	176
Renascença	177
Cruz e Souza	178
Paz	179
Buddha	180
Jesus	181
Solar antigo	182
Alma hebraica	185
Serenidade	188

FIM